

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE FORMAÇÃO INTERCULTURAL PARA EDUCADORES INDÍGENAS
HABILITAÇÃO EM MATEMÁTICA
LICENCIANDA
LEILA BORGES DA SILVA
ETNIA
Pataxó

**HISTÓRIA DE VIDA DE MANOEL FERREIRA DA SILVA – CACIQUE
TWYNDAYBA PATAXÓ – ALDEIA SEDE – CARMÉSIA/MG**

Trabalho de percurso apresentado ao Curso de Formação Intercultural para Educadores Indígenas, da Faculdade de Educação, da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de licenciado em Matemática.

Orientadora: Prof. Josiley Francisco de Souza.

BELO HORIZONTE
2022

No aniversário de 85 anos eu perguntei meu avô qual era o segredo para viver tantos anos e ele respondeu: “É preciso ter muita sabedoria, paciência e respeito com o próximo”.

“A gente era simples, mas ninguém.... nunca fui no médico e quando ficava doente tomava remédio do mato. Não é igual esses povo de hoje que vive doente...”

Maria Lúcia (filha mais nova de Manoel Ferreira)

“Hoje o pessoal tem tudo e reclama! Naquele tempo a gente vivia assim, mas era feliz. Foi uma vida difícil... mas como diz? Boa ainda!”

Maria de Lourdes Borges (filha de Maonel Ferreira)

Agradecimentos

À Niamissu (Deus), por permitir chegar até aqui me dando forças e por não me deixar desistir.

Aos meus pais, pelo apoio, em especial, a minha mãe, que sempre esteve presente me apoiando em tudo.

Às minhas irmãs, em especial a Lidiane, por cuidar do meu filho durante os dias em que estudava nos módulos.

À minha prima, Sheila, por me acompanhar no dia da prova do vestibular para cuidar do meu filho, na época, eu amamentava.

Às lideranças da minha aldeia, Mesaque e Xé, por apoiar e incentivar a nos capacitar.

Aos professores que ficaram dando aula no meu lugar nos meses em que iria estudar.

Ao meu avô, por me permitir escrever e contar um pouco da sua trajetória como liderança na aldeia Sede.

Aos professores e bolsistas ao longo do curso, por todo ensinamento e aprendizado.

Aos colegas de turma, pelos momentos, experiências e pela história que escrevemos ao longo do curso. Algumas amizades levarei para a vida.

Aos entrevistados que contribuíram para a elaboração do meu percurso.

Enfim, a todos que me apoiaram e ajudaram direta ou indiretamente a chegar na habitação em Matemática e concluir o curso.

Nitxi Awêry!

RESUMO

O presente trabalho apresenta a trajetória de vida e luta da liderança Twyndayba Pataxó da Aldeia Sede, no município de Carmésia/MG. Através deste trabalho, irei abordar sobre a vida de Manoel Ferreira da Silva, Cacique Thyndayba, desde sua chegada em Minas Gerais com a família, o trabalho desenvolvido em comunidade, a atuação como liderança e na luta pelo bem do seu povo. Um exemplo a ser seguido por novas gerações. Mesmo com pouco estudo e muita sabedoria, Twyndayba liderou seu povo por vários anos, mostrando que o trabalho em grupo gera grandes benefícios e aprendizados. Tornou-se o primeiro vereador indígena do município por quatro mandatos seguidos. Um dos objetivos desta pesquisa é documentar a trajetória dessa liderança que foi tão importante para a aldeia Sede. O trabalho tem como finalidade registrar essa história e deixar uma cópia na escola da Aldeia para que todos possam ter acesso e conhecer a história de Twyndayba.

SUMÁRIO

Quem eu sou	6
Introdução	10
A vida na Bahia: início da sua trajetória	11
Da Bahia para Minas Gerais	11
Quem é Manoel Ferreira da Silva – Thyndayba Pataxó.....	17
Breve relato do massacre do “Fogo de 51”	19
Fazenda Guarani, atualmente, aldeia Sede	21
Trabalhos desenvolvidos na aldeia sede pela liderança de twyndayba (Manoel Ferreira da Silva).....	28
Criação da Associação Comunitaria Pataxó Thyndayba	29
Implantação da piscicultura na aldeia Sede	38
Centro Cultural Thyndayba Pataxó.....	46
Início das aulas na Aldeia Sede e construção da Escola Estadual Indígena Pataxó Bacumuxá	50
Vida política: primeiro vereador indígena do município de Carmésia	55
Conclusão	63
Imagens e documentos da vida e o trabalho de Manoel Ferreira da Silva – Thyndayba Pataxó	64
Referências	106

QUEM EU SOU

Meu nome é Leila Borges da Silva, meu nome indígena é Famikuã (na verdade, escreve-se *Tamikuã*), eu mesma escolhi esse nome na apostila de Patxohã do povo Pataxó. Ao nascer, meus pais não me deram um nome indígena e quando tive entendimento da importância do nome, eu mesma escolhi o meu. Esse erro de escrita foi na época que iniciou o processo de recuperação de palavras em Patxohã, todos me chamam de Famikuã, mas sabemos que o correto é *Tamikua*, que significa “estrela”.

Sou filha de Angela Margarete da Silva Borges e Ednaldo Borges da Silva, nascida e criada na aldeia Sede do povo Pataxó, localizada no município de Carmésia, Minas Gerais. Em 01/11/1985, numa sexta feira, nasci no município de Guanhães, cidade próxima da aldeia. Passei toda a minha infância na aldeia, onde aprendi os costumes e tradição Pataxó. Com 12 anos de idade, meus pais se separaram e fui morar em Belo Horizonte, com minha mãe e minhas irmãs. Lá morei por quase 10 anos, estudei e trabalhei. Após terminar o ensino médio, prestei vestibular na UNIVALE, em Governador Valadares, e comecei a fazer o curso de Turismo, onde permaneci até concluir o curso. Após formada, voltei para Belo Horizonte, morei por aproximadamente uns 4 anos e returnei para minha aldeia, onde moro até os dias atuais.

Trabalhei um período na Secretaria de Cultura, na prefeitura de Carmésia, e atualmente sou professora na Escola Estadual Indígena Pataxó Bacumuxá, na aldeia.

Em 2017, a escola da aldeia teve permissão para inserir o ensino médio na grade curricular da escola, e eu iniciei como professora de Língua Portuguesa no Ensino Médio.

Em março descobri minha gravidez e, a partir daquele momento, já sabia que iria vivenciar as melhores experiências da minha vida, que é ser mãe, além do desafio, é claro.

No final de 2017, fiquei sabendo que o FIEI estava com vagas para capacitação em Matemática. Já tinha conhecimento dos cursos do FIEI e sempre fui admirada pelo que ouvia falar do curso, sobre os professores, o intercâmbio, as trocas de experiências e o convívio entre os parentes durante todo o curso. E senti vontade de vivenciar toda essa experiência que levarei para o resto da minha vida. Nessa oportunidade, fiz minha inscrição no curso do FIEI, com muito sacrifício, pois estava de resguardo do meu filho, Xohã Mirawê Borges Alves Pataxó. Devido à circunstância, fiquei meio receosa pelo fato de ter acabado de ser mãe, e já sabia que enfrentaria alguns obstáculos, mas fui persistente

e fiz minha inscrição confiante de que estaria na próxima turma da Matemática. Minha inscrição foi homologada e, em março de 2018, fiz a prova. Precisei levar meu filho e alguém para ficar com ele enquanto fazia a prova, pois eu amamentava, ele tinha apenas 4 meses. Ao saber do resultado, fiquei imensamente feliz por ser uma das classificadas para a habilitação em Matemática na UFMG.

Em 2018, entrei para o FIEI, onde tenho aprendido muito e também trocado conhecimentos e experiências com os colegas de turma e professores. Foram novos desafios e novas descobertas e aprendizados.

O curso de habilitação em Matemática vem me ajudado bastante em sala de aula, apesar de lecionar outra matéria, mas a base como formação para professora indígena tem me auxiliado a ser uma profissional melhor. Com a troca de experiências com os colegas que também são professores tenho me qualificado, o que ajuda bastante dentro da sala de aula com meus alunos. Muitas vezes já usei exemplos da minha turma na minha sala de aula e consegui desempenhar um bom papel com os meus alunos. O FIEI nos proporciona crescimento pessoal e profissional, eternizado na nossa vida, e repassar isso na minha escola é de extrema importância principalmente para os meus alunos.

Em meio a tantos desafios, existe o da maternidade solo, que aliada à vida de dona de casa, professora e, agora, aluna, é bastante desafiadora, porém, sei que irei colher frutos de toda essa dedicação e tenho como base de inspiração o meu filho, a quem desejo ensinar e deixar o melhor ensinamento possível.

No ano de 2020, veio essa pandemia que parou o mundo. Tivemos que nos adaptar a esse novo normal. Na minha aldeia, na minha família, tivemos que mudar tudo. Fiquei oito meses sem sair da aldeia, sem ver minha mãe, pois tinha muito medo por ela, por minha vó e meu filho, por toda aldeia. O medo, a confusão de tantas informações me deixava muito preocupada. Comecei a pesquisar e fiquei mais tranquila. Nossas aulas, antes presenciais, começaram a ser *online*, um novo aprendizado; insegurança, medo, entre outros.

Na nossa aldeia não nos reuníamos mais e não tivemos nossa festa tradicional e paramos de visitar nossos mais velhos. Isso mexeu demais com o nosso psicológico, tivemos que buscar outras alternativas, tanto para estar mais próximo quanto para reinventar e ficar em casa. Nosso costume de ir para a escola trabalhar todos os dias, fazer nossos rituais não era mais possível. Sempre gostei de ter horta em casa e comecei a me dedicar ainda mais. Tenho um pedacinho de terra, onde crio minhas galinhas e planto

mandioca, milho e feijão, e com a pandemia, deu tempo de me dedicar mais a essas atividades. Em todas o meu filho está presente comigo, meu companheiro para tudo.

Em 2021, com a chegada da vacina, ficamos mais aliviados, todas as pessoas da aldeia acima de 18 anos foram vacinadas. O primeiro caso de Covid 19 surgiu após um ano de pandemia e ainda assim ficamos bastante assustados e com medo.

O mais difícil disso tudo é não poder estar em sala de aula com nossos alunos, sentimos muita falta, tivemos que elaborar PET's (Plano Estudo Tutorado) e entregar nas casas dos alunos. Não temos momentos culturais como antes, pois ainda temos medo. Como professora, sei da importância do professor e aluno em sala de aula, sei o quanto os alunos foram prejudicados com toda essa paralisação.

Mas temos o lado positivo, algumas famílias deixaram de fazer roças e, com essa pandemia, todos voltaram a essa prática. No período da pandemia, várias famílias conseguiram plantar e colher das suas roças, diante de todas as dificuldades ninguém passou necessidade, pois tinha o que colher.

Temos que apresentar um percurso no final do curso, eu escolhi falar da liderança de Manoel Pataxó (Txywendayba), meu avô, que foi o primeiro Pataxó a chegar na aldeia Sede. Ele chegou para o lugar onde escreveria sua história juntamente com seu povo, ou seja, deixaria um legado cheio de aprendizado e sabedoria para as futuras gerações. Fazer parte dessa família é um sinal de muito orgulho, ouvi as histórias de como tudo começou, de todas as dificuldades, conquistas; é muito enriquecedor como Pataxó e como ser humano. Desenvolver este trabalho e ouvir de quem viveu como foi toda essa trajetória de vida desse líder, cada documento, cada conversa com algum parente, cada foto, é reviver essa história como neta, e conhecer como realmente foi a caminhada do meu avô. Tudo o que ele fez, as renúncias que precisou fazer em nome do seu povo, tudo isso é gratificante ouvir. É também muito gratificante poder registrar para que aqueles que não tiverem oportunidade de conhecê-lo em vida possam conhecer a sua trajetória de vida. Sinto-me muito feliz em poder pesquisar e registrar sobre a vida de alguém tão importante na minha vida como da minha comunidade. Hoje chegamos onde estamos graças à luta dele com sua comunidade. O avanço veio dele e hoje ainda tentamos continuar a luta que ele nos deixou, e assim seremos e passaremos para nossos filhos.

Encontrei muitas dificuldades, pois ele tem 96 anos de idade e não se lembra de quase nada do que viveu devido ao estado de saúde. Ele já não reconhece mais as pessoas e nem os parentes, conversei com familiares, procurando documentos e etc.

Atualmente, vivemos uma outra realidade, hoje cuidamos de quem sempre cuidou de nós. Hoje, nós que estamos renunciando de algumas coisas para ficar com ele, para cuidar dele. Hoje a família se reúne para cuidar e estar próximo a ele que precisa de todos nós. A família enfrenta alguns desafios, mas sabemos que são necessários para o bem estar dele, para que realmente possa descansar. Agora vivemos das lembranças e dos aprendizados que ele irá nos deixar. Seguiremos todos os ensinamentos que ele nos passou enquanto estava lúcido e ativo. Ele sempre foi uma pessoa calma, nunca gostou de confusão, sempre soube resolver todas as coisas com sabedoria e muita paciência.

Sigo buscando informações e materiais que possam enriquecer o meu trabalho. A parte interessante da pesquisa é justamente aprender e, ao mesmo tempo, vivenciar tudo aquilo que ele fez durante toda a sua vida. A pesquisa me possibilita saber de muitas coisas que nem ao menos sabia que tinha acontecido na vida dele, por ser muito criança, e, principalmente, por ter algumas coisas de que ele não se lembra e não pode nos contar.

INTRODUÇÃO

A escolha do tema veio durante os estudos do módulo, quando a professora Vanessa Tomaz pediu que escolhêssemos um tema para nossa pesquisa de percurso. Naquele momento, eu sabia que queria falar sobre a vida de Manoel Ferreira da Silva – Thyndayba Pataxó –, meu avô. Ele foi o primeiro Pataxó a chegar na aldeia Sede, que na época tinha o nome de Fazenda Guarani, mais adiante explico o porquê. A pesquisa foi realizada na época da pandemia e a maioria das entrevistas foram realizadas via *Whatssap*.

Para fazer a pesquisa, comecei a conversar com os mais velhos sobre a chegada à aldeia, conversei com meu pai e minhas tias que vieram junto com o meu avô. Fui até a casa do meu avô e olhei todos os documentos que ele sempre guardou em casa, de lá saiu a maior parte dos arquivos que serão apresentados neste trabalho.

Eu escolhi falar sobre ele devido a sua importância para a aldeia Sede, sobre a importância do seu cacicado e por ele ter sido o primeiro vereador indígena do município de Carmésia. A nova geração da aldeia sede precisa saber quem foi Manoel Ferreira, Cacique Thyndayba Pataxó.

Meu material de pesquisa foi caderno, lápis, caneta e o celular para registrar as entrevistas e fotos para enriquecer o trabalho. Fiz algumas pesquisas em *site* da internet. Pesquisei fotos e arquivos de jornais antigos sobre a liderança de Thyndayba Pataxó.

A VIDA NA BAHIA: INÍCIO DA SUA TRAJETÓRIA

Manoel Ferreira se casou primeiro com Maria Borges e teve cinco filhos. O primeiro filho do casal foi José Carlos Borges da Silva, a segunda foi Maria Lourdes Borges da Silva, o terceiro foi Ednaldo Borges da Silva e a quarta filha foi Maria Lúcia Borges da Silva. Eles moravam na mata perto de Boca da Mata, na Bahia, onde viviam outros indígenas, e mesmo com tantas dificuldades, eles conseguiram criar seus filhos, pois Manoel trabalhava em uma fazenda para garantir o sustento de toda família. Eles não tinham muitas condições e sua esposa Maria costurava as roupas dos seus filhos que eram feitas de tecido de sacos de mantimentos. Os meninos foram crescendo e com uns 8 anos já iam para roça com seu pai, para aprender a trabalhar e caçar. Manoel sempre foi muito trabalhador e seus filhos também.

Conforme a entrevista feita com seus filhos, eles contam com detalhes como era a vida na Bahia. Caçavam, pescavam, desde cedo eles trabalhavam ajudando os pais.

► Acesse nos links abaixo as entrevistas com os filhos de Thyndayba Pataxó, em que falam sobre a vida da família:

- Ednaldo - <https://youtu.be/Kv07zOytrA0>
- Maria Lúcia - <https://youtu.be/EI8ldvRyL4I>
- Maria de Lourdes (vida na Bahia): <https://youtu.be/yxHHdBM7f48>
- Maria de Lourdes (vida durante a infância): <https://youtu.be/x7wLY3PITaE>
- Maria de Lourdes (chegada à Fazenda Guarani): https://youtu.be/OtwQ_LvQyLg
- Maria de Lourdes (aulas de Manoel): <https://youtu.be/THyg3ju6aaI>

Da Bahia para Minas Gerais

Devido à vida na Bahia está meio difícil, eles resolveram ir para outro local, buscar outra terra, e foi assim que ele veio para Minas Gerais e iniciou sua trajetória em território mineiro. Ao chegar aqui, Maria (minha vó), sempre o ajudava nos trabalhos da roça com os filhos. Levantavam muito cedo, faziam café e farofa, e levavam para roça, pois só voltariam para casa no final da tarde, após concluírem os trabalhos.

Minha chegada em Minas Gerais

Eu, Manoel Ferreira da Silva, fui o primeiro índio pataxó a chegar aqui na Reserva Guarani com minha família filhos e noras no ano de 1975. Graças a Deus somos todos bem quisto aqui na região; a Reserva nem demarcada era.

Habitavam aqui os índios Krenak e Guaranis do Espírito Santo. em 1974 o Sebastião chegou em Governador Valadares para trabalhar em uma terra na região de Santa Paula em Gov. Valadares, que estava sendo negociada com a FUNAI para acentamento dos índios pataxó. Já estava tudo certo com a FUNAI e os índios já tinham plantado a terra de cereais, foi quando o Sebastião e seu irmão Valdivino que também trabalhavam nessa fazenda juntamente com os outros índios.

Quando eles vieram para aqui, para o Guarani, como eram nossos conterrâneos da mesma tribo, sendo que o pai deles é primo do meu pai, e por ter morado já uns tempos juntamente conosco, chegando aqui, de parente deles que haviam aqui era eu e os meus filhos recebemos como se fosse filhos em minha casa. Ficaram almoçando e jantando todos juntos como se fosse pai com filhos. Minhas filhas lavam, passavam roupas para eles e

[Nesta imagem há fatos ocultados por ser segredo interno e não poder ser disponibilizado.]

melhor; plantando lavouras brancas, temos uma piscicultura com aproximadamente 12000 m². No ano passado abatemos duas toneladas de peixes.

O meu grupo tem uma casa grande para trabalharmos com tecelagem, temos nossas casas arrumadas, dois prédios escolares muito bom e estamos desenvolvendo um projeto de apicultura juntamente com a EMATER, já estamos com o material todo comprado inclusive alguns membros da comunidade já fizeram o curso e eles praticamente não apresentam trabalho nenhum.

Senhores vejam quem é que tem merecimento de sair daqui; pois a familia do Sebastião e do Valdivino chegaram aqui em dezembro de 1975 (duas famílias) e foram embora em 1980 devido o que fizeram com o meu filho e voltaram em 1986 foi onde começou a crescer o grupo deles.
e ue cheguei em 1975, já tem netos e bisnetos nascido aqui e nunca sair daqui juntamente com o meu grupo.

12/12/1995

Manoel Ferreira da Silva Cacique Thyundayba
Manoel Ferreira da Silva – Cacique Thyundayba

Danielly ferreira da silva (PUHUY)

Girinaldo Loures da silva. (JUCA)

Raldin Ferreira da Silva.

José Ferreira da Silva

Zenilda Borges da Silva

6

Carta de declaração de Manoel Ferreira contando como foi sua chegada em Minas Gerais.

Em 1995, ele ficou viúvo. Os anos se passaram e uns 15 anos depois ele conheceu Maria Benedita, não tiveram filhos, vivem juntos há mais de 15 anos.



Manoel Ferreira ao lado da sua segunda esposa, D. Maria, com o cocar que usou durante todo o tempo em que foi cacique.

D. Maria, como todos a conhecem, foi um grande pilar na vida dele, ela trabalhou muito e dedicou a sua vida com ele a sua família. O carinho e respeito que todos têm por ela e sua história ao lado dele é incondicional. Aprendemos muita coisa com ela também. Ela o ajudou a continuar escrevendo a história dele.

D. Maria morou na Fazenda Guarani quando criança, trabalhou para o proprietário da fazenda, conhecido como Magalhães. Ela é lúcida com seus 96 anos e conta várias histórias da época, inclusive fala da chegada de Manoel e seus familiares na fazenda na década de 70. Ela conta também que com a chegada do Manoel, tinha outros indígenas

(Guarani e Krenak) ali, eles conviviam tranquilamente entre todos. D Maria é considerada da família, mesmo sendo apenas esposa do meu avô, todos a receberam bem na aldeia.

E ao lado dele, eles registraram a sua história como casal e pilar da família.

►Entrevista com D. Maria: <https://youtu.be/dwMJpYYFSMI>

Atualmente, ele é o mais velho ancião do território Pataxó em Carmésia, Minas Gerais. Ele escreveu sua história e deixou exemplos de perseverança, luta e determinação e sabedoria para chegar aos 96 anos de vida.

No link abaixo há entrevista realizada em dezembro de 2018, feita por Mayra Lemos, quando ele ainda estava lúcido. Ele fala sobre o significado do nome Pataxó, e sobre o casamento Pataxó.

►Entrevista com Thyndayba Pataxó, feita por Mayra Lemos:

<https://www.youtube.com/watch?v=XJg5ohLlLF0>

Estamos vivendo tempos difíceis, pandemia, governo anti-indígena e ainda tempos muita luta pela frente, o povo Pataxó é um povo de luta, povo guerreiro. Somos Resistencia!

Biografia de Twyndayba Pataxó

Nome: Manoel Ferreira da Silva.

Data de nascimento: 21/05/1926.

Povo: Pataxó.

Pais: João Mariano Ferreira e Lindonesa Ferreira da Silva.

Avós maternos: José Cipriano da Silva e Francisca Ferreira da Silva.

Avós paternos: Antonio Mariano Ferreira e Ligidina Maria da Conceição.

Irmãos: Alcides, José Mariano, Valdir, Osvaldo, Valdemir, Antônio, Maria José, Maria d'Ajuda, Julieta, Conceição e Lurdite.

Primeira esposa: Maria Borges da Silva.

Filhos: Jose Carlos Borges da Silva (*in memorian*), Maria de Lourdes Borges da Silva, Ednaldo Borges da Silva , Maria Lucia Borges Da Silva.

Segunda esposa: Maria Benedita.

Netos: Sandra, Alex, Alexandre, Aminoaré, Kaywnara, Marcos Antonio, Adalton, Edilza, Lidiane, Leila, Thayná, Luana, Adriano, Vitoria, Cassiano, Geane, Gírlan, Girinaldo Givone, Ziziane.

Bisnetos: Keyla, Sheila, Haiwan, Wehã Anehê, Menaryã, Andressa, Alex Junior, Wekanâ, Nehoynã, Estevão, Thayla, Manuella, Julia Txahá, Lucas Fernandes, Alice, Xohâ Mirawê, Juliana, Savio, Junior, Jaciara, Fabricio, Itahwanâ, Evelyn, Acsa.

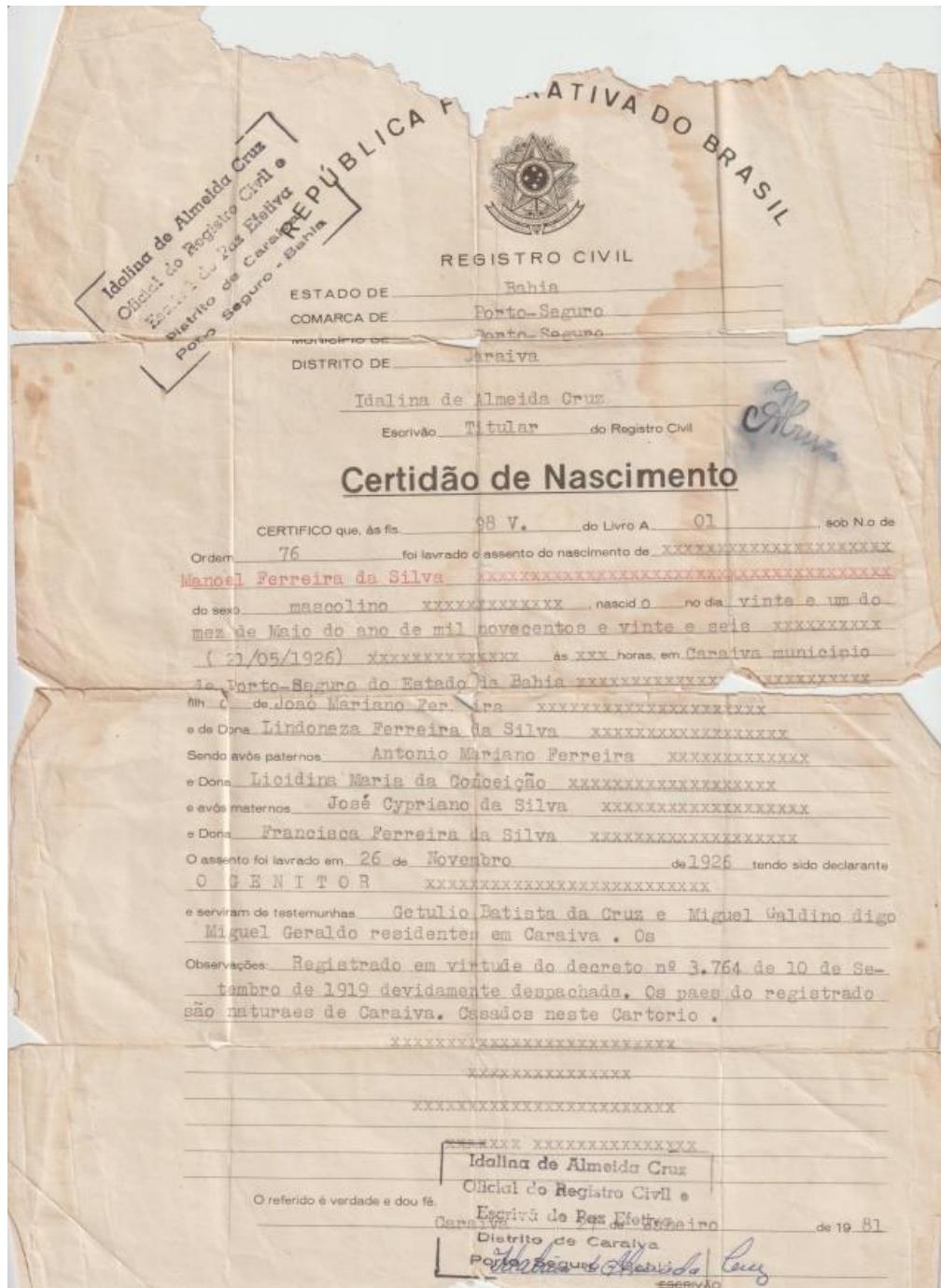
Tataranetos: Sophia Awêhany, Edgar Nionehô, Nayhê, Akayê, mais dois a caminho.

QUEM É MANOEL FERREIRA DA SILVA – THYNDAYBA PATAXÓ

O trabalho do meu percurso é sobre a vida e a liderança de Manoel Ferreira da Silva, conhecido como Twyndayba Pataxó, nome indígena que significa “pescador” na língua Pataxó. Esse nome foi dado a ele pelo seu pai, João Mariano. Nasceu no dia 21 de maio de 1926, em Caraíva, no município de Porto Seguro, Bahia. Ele é filho de João Mariano Ferreira da Silva e Lindonesa Ferreira da Silva.



João Mariano, pai de Manoel Ferreira.



Certidão de nascimento de Manoel Ferreira da Silva – Twyndayba Pataxó.

Toda a sua infância ele viveu no mato da aldeia de Boca da Mata, ali cresceu com seus pais e seus irmãos: Alcides, José Mariano, Valdir, Osvaldo, Valdemir, Antônio, Maria José, Maria d'Ajuda, Julieta, Conceição e Lurdite. Desde criança, todos eles já trabalhavam na roça ajudando o pai. À noite, a família sempre se reunia para contar como foi o dia e contar histórias e ensinamentos que os pais repassavam para seus filhos. Na

Bahia, Manoel aprendeu com os pais a trabalhar em roças, ele plantava milho, feijão, mandioca entre outros com a esposa, filhos e irmãos. A vida naquela época não era nada fácil, muitas vezes passavam dificuldades, mas toda a família era muito trabalhadora e fazia suas roças, tinha suas galinhas, criava porcos, fazia artesanatos e ainda trabalhava nas fazendas localizadas perto de casa.

Com mais ou menos uns 12 anos de idade, ele foi morar em Salvador com os padrinhos para estudar. Já que na aldeia não tinha escola e por ser o mais velho da família, os pais acharam interessante ele estudar e depois ensinar para os irmãos. Na época, ele estudou até a 4^a série. Anos depois, ao voltar para a aldeia, ele ensinou todos os irmãos a ler e escrever. Viveram toda sua infância e juventude na aldeia em Boca da Mata.

Quando aconteceu o Fogo de 51, Manoel estava com aproximadamente 25 anos de idade. Como eles moravam afastados, dentro da mata, não sofreram como os parentes Pataxó, que foram agredidos, massacrados, mulheres foram estupradas e muitos perderam suas vidas. Ao saber do que aconteceu, Manoel e os demais pediram aos seus filhos para pararem de dizer que eram indígenas, pois tinham muito medo do que poderia acontecer com eles.

Breve relato do massacre do “Fogo de 51”

Em 1951, houve o Fogo de 51, acontecendo um massacre do povo Pataxó, todos ficaram bastante assustados e temiam a própria vida. No momento em que aconteceu o Fogo de 51, ele e seus pais estavam mais afastados da aldeia, estavam no mato e não foram atacados nem agredidos. Mas, ao saber o que havia acontecido com os Pataxó, todos ficaram assustados e tinham muito medo de dizer que eram indígenas, mas continuaram mais um tempo na região. Em consequência desses fatos históricos, caracterizado pela ação violenta da polícia baiana, houve a desarticulação das aldeias, com a dispersão do povo Pataxó, como forma de promover ocupação civilizada na região de Porto Seguro. Houve também a transformação de 200 hectares de seu território em parque nacional, o Parque Nacional do Monte Pascoal, criado em 1943, e tendo sua área limítrofe oficialmente demarcada no ano de 1961, reduzindo o território tradicional Pataxó em 23.000 hectares.

Em Boca da Mata, Twyndayba Pataxó se casou com sua esposa Maria Borges da Silva, com quem teve quatro filhos. São eles: José Carlos Borges da Silva, Maria de Lourdes Borges da Silva, Ednaldo Borges da Silva e Maria Lucia Borges da Silva. Nesse

período, ainda moravam em Boca da Mata. Viveram lá até os filhos ficarem rapazes e moças.



Foto da família de Manoel Ferreira com esposa e filhos. Essa foi a única foto encontrada nos arquivos pessoais.

Twyndayba ficou sabendo que em Minas Gerais existia uma terra da Funai e pediu autorização para vir com sua família, autorização esta que foi concedida pela Funai. Na década de 70, ele veio com seus quatro filhos e uma nora, seu irmão Osvaldo, com a esposa e os filhos.

Chegando aqui na Fazenda Guarani, já tinha alguns indígenas Guarani e Krenak, até mesmo porque aqui funcionava um presídio indígena. A fazenda Guarani está localizada no município de Carmésia, Minas Gerais.

Fazenda Guarani, atualmente, aldeia Sede

Anteriormente, esta área era administrada por seu proprietário, Coronel José Ribeiro Pereira de Magalhães, conhecida como colônia agrícola, porque quase tudo que existia na agricultura era produzido na fazenda, que foi a maior colônia produtiva da região no estado de Minas Gerais. Essa área foi administrada pelo Coronel José Ribeiro Pereira de Magalhães até o ano em que ele adoeceu e veio falecer. Por ser viúvo e não haver herdeiros, a terra foi doada para o Estado, passando a ser administrada por militares, que deram prosseguimento com a agricultura.

Nessa mesma época, foi criado o Reformatório Indígena de Carmésia, no governo estadual de Rondon Pacheco, sob a administração do Capitão Manoel Pinheiro da Polícia Militar. Assim, os indígenas que desrespeitassem seus líderes eram considerados antissociais e eram levados para lá para serem penalizados.

O presídio mantinha indígenas presos, que eram aqueles considerados rebeldes e que desrespeitavam seus líderes, ou até mesmo aqueles que cometiam algum crime. Eles eram retirados de suas aldeias e levados para o presídio indígena, na Fazenda Guarani. Ali, muitos deles foram torturados e até mortos. Quando a “ pena” era cumprida, os indígenas eram levados de volta para a aldeia à qual pertenciam.

Vários relatos mostram que os próprios indígenas eram treinados para fazer esse processo de adaptação dos tais “índios rebeldes”.

Nesse mesmo período, um grupo Guarani foi retirado de suas terras no Espírito Santo e levados para a Fazenda Guarani. Mas como eles são originários de região litoral, não se adaptaram e foram levados para o litoral da Bahia, área do território Pataxó. Ao final deste trabalho, são apresentadas matérias de jornal sobre essa mudança do povo Guarani.

Alguns Krenak também estavam na Fazenda Guarani, devido ao conflito com fazendeiros eles foram para a Fazenda Guarani. Alguns estavam presos e a família conseguiu chegar até a fazenda para ficar mais próximo do parente. Além de Guarani e Krenak, alguns indígenas de outras etnias também ficaram presos no reformatório indígena, sendo eles: Terena, Xavante, Sateré Mawe entre outros.

Até o ano de 1972 a fazenda foi utilizada como um campo de treinamento de guerrilha, a partir desta data o estado doou a fazenda para a Fundação Nacional do Índio (FUNAI).

Foi nesse período que Twyndayba chegou à Fazenda Guarani, que hoje é a aldeia Sede.

Quando Twyndayba chegou à Fazenda Guarani, ainda havia algumas famílias Guarani e Krenak vivendo ali. Com isso, fizeram amizades e Twyndayba até se tornou padrinho de um dos filhos de Manelão Krenak.

Em 1972, os Krenak resolveram voltar para sua terra em Resplendor, e ali decidiram que ficariam até a morte. Não foi fácil, pois viviam sem moradia, à beira do Rio Doce, só não passavam fome, pois viviam da pesca dos peixes do rio.

Mesmo com muitas dificuldades enfrentadas, principalmente pelo clima ser totalmente diferente do da Bahia, eles conseguiram fazer suas roças, já que a terra sempre foi bastante produtiva, e assim conseguiram colher uma parte para consumo e outra parte eles vendiam nas cidades vizinhas.

Em 1984, eles pediram que a terra fosse demarcada.

Em 1986, mais dois irmãos de Manoel, Alcides e Valdivio, vieram da Bahia para Minas. Dessa vez, veio um grupo grande para a Aldeia Sede: irmãos, esposas, filhos casados e netos.

Com um grupo maior de pessoas, eles começaram a fazer seus rituais, inclusive o Awê, que hoje é nosso Awê Heruê Hú Niamissù.

Em 1988, a terra Pataxó foi demarcada e homologada por Fernando Collor de Melo, então Presidente da República. Uma área de 3.279 hectares foi denominada “Terra Indígena Guarani”, onde hoje habitam 280 pessoas, em quase sua totalidade da etnia Pataxó, com cerca de 52 famílias, preservando uma cultura milenar. Cada família tem suas atividades e costumes e, por unanimidade, agricultura, avicultura e venda de artesanato.



SUPERINTENDENCIA DE ASSUNTOS FUNDIARIOS
DIVISAO DE DEMARCAÇÃO E FISCALIZAÇÃO

MEMORIAL DESCRIPTIVO DE DEMARCAÇÃO

DENOMINAÇÃO
ÁREA INDÍGENA FAZENDA GUARANI

ALDEIAS INTEGRANTES
Guarani

GRUPOS INDÍGENAS
Guarani

MUNICIPIO : Carmésia, Sra do Porto e Dores de Gunhães ESTADO : Minas Gerais
UFER : Sa ADR : G. Valadare

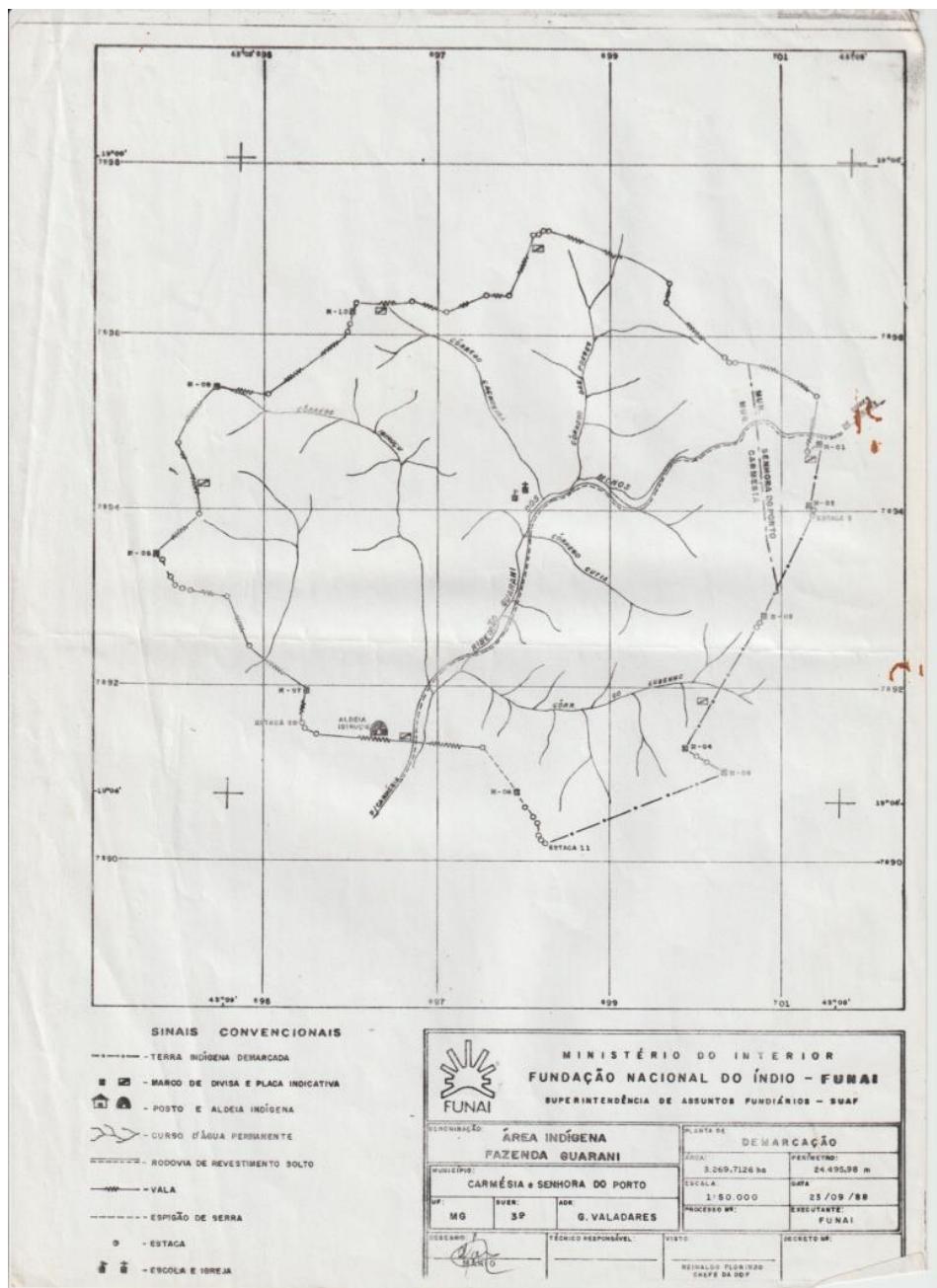
COORDENADAS DOS EXTREMOS

EXTREMO	LATITUDE	LONGITUDE
NORTE	19 00'29.8" S e	43 07'00.4" War.
LESTE	19 01'46.9" S e	43 05'05.9" War.
SUL	19 04'16.0" S e	43 06'57.1" War.
WESTE	19 02'31.5" S e	43 09'26.9" War.

ONOMATURA BASE CARTOGRAFICA
I-2.498 ESCALA 1/100.000 ORGÃO IBGE ANO 1.977

EA : 3.269,7126 Ha (três mil, duzentos e sessenta e nove hectares,
setenta e um ares e vinte e seis centiares)
RIMETRO : 24.495,98 metros.

Memorial descritivo da Funai do documento da terra.



Mapa do território Pataxó, Área Indígena Fazenda Guarani.

O governo de Minas Gerais, na década de 1980, doou a Fazenda Guarani para os índios Pataxós, e na década de 1990 a terra foi demarcada como Área Indígena Pataxó.

A Aldeia Indígena Pataxó está localizada no município de Carmésia, em Minas Gerais, na mesorregião do Vale do Rio Doce e na microrregião de Guanhães, possuindo uma população de 2.660 habitantes (IBGE, 2021).

O povo Pataxó é originário do Sul da Bahia, residem na Fazenda Guarani desde a década de 70, próximo ao município de Carmésia, que conta com uma população de aproximadamente 400 índios (CEDEDES, 2020). O povo vive em uma reserva de 3.270 hectares de terra demarcada pela FUNAI. Como já foi informado anteriormente, a renda é baseada no cultivo de lavoura de subsistência e venda de artesanatos, mantendo a cultura como seus ancestrais, através da pintura corporal, danças, músicas e rituais. Atualmente, muitos indígenas trabalham na escola, na área da saúde e no município.

Chegando aqui, a vida de Twyndayba e sua família não foi fácil, mas como já eram acostumados a trabalhar com roças, e a terra era excelente, começaram então a fazer o plantio de roças, cultivando milho, mandioca, banana, feijão, arroz. Eles produziam bastante, uma parte era para consumo e outra vendiam na cidade. Todos os dias pela manhã, ele e sua família iam para a roça e só voltavam à tarde, depois de um dia de muito trabalho.

➡ Acesse no link abaixo entrevista com Maria de Lourdes sobre a vida durante a infância:

<https://youtu.be/x7wLY3PITaE>



Foto da roça, 1982.



Foto de Twyndayba após pegar caça no mato, no ano de 1984. Ao lado, foto de 1999 de Twyndayba fazendo a limpeza da cabana.

A vida em Minas Gerais era bem diferente, a começar pelo clima frio, foi muito difícil acostumar com o clima.

Anos mais tarde, vieram os outros irmãos do Twyndayba com as esposas e filhos. Anos mais tarde, vieram outros Pataxó, como Sebastião Alves, José Terencio e Valdivio, todos Pataxó que viviam na Aldeia Mãe em Barra Velha. Eles vieram com suas esposas e filhos, gerando um número representativo de Pataxó em Minas Gerais. Com o aumento do número de Pataxó na Aldeia Sede, o território acabou ficando pequeno e os demais foram se espalhando pelo território e se organizando com seus grupos. Atualmente, no território existem quatro aldeias: Aldeia Sede, Aldeia Encontro das Águas, Aldeia Imbiruçú e Aldeia Kanã Mihay. Cada comunidade tem seu cacique. Conforme o tempo ia passando, mais indígenas iam chegando. Até os dias atuais alguns Pataxó vivem entre as aldeias da Bahia e Minas Gerais, essa ida e vinda acontece muito dentro do território em Minas Gerais.

TRABALHOS DESENVOLVIDOS NA ALDEIA SEDE PELA LIDERANÇA DE TWYNDAYBA (MANOEL FERREIRA DA SILVA)

Manoel e sua família sempre foram muito trabalhadores, sempre faziam suas roças e com isso ajudavam dando alimentação a parentes que iam chegando. Além de alimentação, forneciam até roupas e calçados, já que tudo era mais difícil naquela época. Com a chegada dos demais parentes, Manoel, que já fazia sua luta em busca dos direitos sozinho, ganhou aliados e forças para dar continuidade à luta pela demarcação da terra na Fazenda Guarani. Ele conversava com a Funai e com órgãos e entidades relacionadas aos povos indígenas. Ele viajava muito para Belo Horizonte, participando de reuniões na Assembleia Legislativa de Minas Gerais, foi diversas vezes a Brasília, conversava com representantes políticos.

Todas as viagens eram muito difíceis, na maioria das vezes não tinham dinheiro para ficar em hotel e nem se alimentar. Eles sempre carregavam nas viagens farinha para comer e muitas vezes ganhavam pão, por muitas vezes, essa era a alimentação durante todo o período da viagem. O Pataxó sempre foi um povo muito guerreiro, forte, e que nunca desiste. Com as lideranças não foi diferente, mesmo passando momentos difíceis todos se mantinham fortes na luta. Ao lado de outras lideranças de Minas Gerais, lutaram em busca dos seus direitos.

Twyndayba sempre que viajava para essas reuniões, ao retornar para a aldeia, reunia seu povo e transmitia a eles tudo que foi repassado e falado nessas reuniões, na maioria das vezes as decisões eram tomadas em comum acordo com a comunidade, ele era o cacique e porta voz da Aldeia Sede.

A demarcação do território foi muito importante para o povo Pataxó, com ela foi possível se organizar e dar continuidade aos trabalhos já desenvolvidos pela comunidade. Com a sensação de que poderiam permanecer naquela terra, eles deram continuidade aos trabalhos que eram feitos em comunidade e mutirões (faziam mutirões para construção de casas e roças).

Sob a liderança de Twyndayba foram desenvolvidos vários projetos comunitários, como Horta Comunitária, Casa de Tear, Tanque de Peixes e Piscicultura.

Na Horta Comunitária participavam todas as famílias, cada membro da família dedicava um dia ou mais de trabalho, desde a construção até a manutenção da horta.

Na Casa de Tear só participavam 12 famílias, lá fizeram curso de tecelagem oferecido pelo Senar em parceria com a Emater. Os próprios indígenas começaram a tecer bolsas e tapetes.

Criação da Associação Comunitária Pataxó Thyndayba

Em 1991, a comunidade se reuniu e resolveu criar a Associação Comunitária Pataxó Twyndayba, para conseguir acessar recursos e dar continuidade aos trabalhos já realizados. Através da Associação, em parceria com CIME, Pro-Renda Rural, FUNAI e Assembleia Legislativa de Minas Gerais, foram desenvolvidos projetos de trabalho com apicultura e piscicultura, tiveram apoio financeiro da prefeitura e outros órgãos. Esses projetos beneficiavam em média quarenta famílias.

Nessa mesma época, doze famílias desenvolviam um trabalho de tecelagem.

A liderança de Manoel era baseada no coletivo, no desenvolvimento e crescimento da sua comunidade. Cada família com seus membros tinha envolvimento em todos os trabalhos comunitários e cada um tinha a sua responsabilidade e participação.

ATA DE FUNDAÇÃO, APROVAÇÃO DOS ESTATUTOS, ELEIÇÃO E POSSE DA PRIMEIRA
DIRETORIA DA ASSOCIAÇÃO COMUNITÁRIA INDÍGENA PATAXÓ THYUMDAYBA - ACIP
MINAS GERAIS

Aos dez dias do mês de janeiro de hum mil novecentos e noventa e dois (10/01/1992) às oito horas da manhã, na sede do Posto Indígena Guarany, município de Carmésia, Minas Gerais, foi realizada uma Assembleia com a presença de lideranças e das famílias do grupo do cacique Mancel Ferreira da Silva - Thyumdayba -, com a finalidade de discutir propostas para a criação de uma Associação Comunitária. Após vários debates e discussões das propostas apresentadas pelas lideranças e membros da comunidade, foi aprovada a criação da Associação Comunitária Indígena Pataxó Thyumdayba - ACIP-, com sede no Posto Indígena Guarany. Por unanimidade, ficou aprovado os seus estatutos nêle constando ítems que regulamenta todas as atividades e promoções de acordo com as leis vigentes. Na mesma reunião, foram eleitos e empossados os membros de sua primeira Diretoria assim constituída:

Presidente : MANOEL FERREIRA DA SILVA
Secretária : CLEONICE MARIA DA SILVA
Tesoureira : ÂNGELA MARGARETE DA SILVA BORGES
Conselho Fiscal : ALCIDES FERREIRA DA SILVA
Conselho Fiscal : DOMINGOS FERREIRA DA SILVA
Conselho Fiscal : ANTONIO ARAGÃO DA SILVA

Também na mesma reunião, o presidente eleito, comunicou na presença de todos que enquanto a Associação não tiver 200 (duzentos) sócios regularmente admitidos, será responsável a Assembleia Geral pelo Conselho Deliberativo, até que este estabeleça, de acordo com a disposição contida na Lei de Nº 6.251 e no Decreto de nº 80.228 - artigo 11º parágrafo 5º. Terminados os trabalhos, o novo Presidente agradeceu a presença de todos, expôs seus planos de trabalho e a seguir deu por encerrada a reunião.

Posto Indígena Guarany, 10 de Janeiro de 1992.

Ata da reunião de criação da Associação.

Com a criação da Associação Comunitária Indígena Pataxó Thyndayba e com o regimento aprovado, eles poderiam começar a solicitar recursos financeiros para dar continuidade aos trabalhos.

PIN GUARANY

12/02/93

RELATÓRIO DA 1ª REUNIÃO DA DIRETORIA DA ACIP

A diretoria da Associação Comunitária Indígena Pataxé Thayundayba - ACIP, foi convocada a se reunir dia 12 de Fevereiro de 1993, às 13 horas, pelo presidente da mesma, o cacique Maneel Thayundayba.

A reunião teve como objetivo o esclarecimento de alguns assuntos referentes aos trabalhos da Acip, bem como as viagens que o presidente vem fazendo afim de conseguir recursos para os trabalhos que a comunidade pretende fazer no decorrer deste ano de 93.

O cacique Maneel Thayundayba, realizou várias viagens a capital de Belo Horizonte, a cidade de Guanhães e Ferros com a finalidade de legalizar a documentação da ACIP. Toda documentação já se encontra legalizada e em mãos do presidente: registros, CGCZ e outros.

O presidente da Associação foi a várias secretarias buscando orientações e fazendo prestações de projetos para a comunidade. As dificuldades foram muitas: faltam recursos para viagens, alimentação, etc.

Foram repassadas informações importantes, como a existência de uma regional em Timóteo/MG, em caso de aquisição de projetos. Foi também prestada a aquisição de sementes para plantio, cesta básica para os trabalhos das reças.

Foram levantadas prestações para a questão de criação de peixes e ferramentas. Mas terá que procurar outros setores.

Projetos já encaminhados:

- sementes de feijão
- cesta básica
- cebadeiras
- material escolar

Projetos que ficaram para serem vistos:

- certe e cestura
- ferramenta
- criação de peixe

Na primeira reunião da diretoria da associação foram levantados assuntos importantes: desenvolvimento da ACIP, relação dos projetos encaminhados que estavam aguardando respostas e dos projetos que gostariam de desenvolver.

ATA DE REUNIÃO

AOS VINTE E DOIS DE OUTUBRO DE 1993, ÀS 17:00 HORAS, FOI REALIZADA UMA REUNIÃO NA CASA DO CACIQUE MANOEL FERREIRA THYUNDAYBA, COM A FINALIDADE DE DISCUTIR UM PROJETO PARA A PRODUÇÃO DE MORTALIÇAS. OS MEMBROS DA COMUNIDADE QUESTIONARAM A FALTA DE VERDURAS E LEGUMES NA COMPLEMENTAÇÃO ALIMENTAR. LEVANTARAM A NECESSIDADE URGENTE DE SE FAZER UMA HORTA COMUNITÁRIA COM A PARTICIPAÇÃO DE TODAS AS FAMÍLIAS DA ACIP - ASSOCIAÇÃO COMUNITÁRIA INDÍGENA PATAKÓ THYUNDAYBA. AS MÃES, OBSERVARAM QUE HÁ CARÊNCIA ALIMENTAR, PRINCIPALMENTE DAS CRIANÇAS. APÓS ALGUMAS REFLEXÕES E DISCUSSÕES, TODOS APROVARON OS TRABALHOS E SE COMPROMETERAM EM DESENVOLVER AS ATIVIDADES NECESSÁRIAS PARA A CRIAÇÃO DA HORTA COMUNITÁRIA. O CACIQUE THYUNDAYBA SE COMPROMETEU EM BUSCAR RECURSOS PARA AJUDAR NOS TRABALHOS. NÃO TENDO MAIS NADA A SER TRATADO, A REUNIÃO TERMINOU ÀS 19:00 HORAS COM O FECHAMENTO DA PRESENTE ATA.

POSTO INDÍGENA GUARANY 22 DE OUTUBRO DE 1993.

Foi através da Associação que o trabalho da horta comunitária aconteceu na Aldeia Sede, todos estavam envolvidos, até as crianças participavam do processo de plantio, rega e colheita dos frutos .



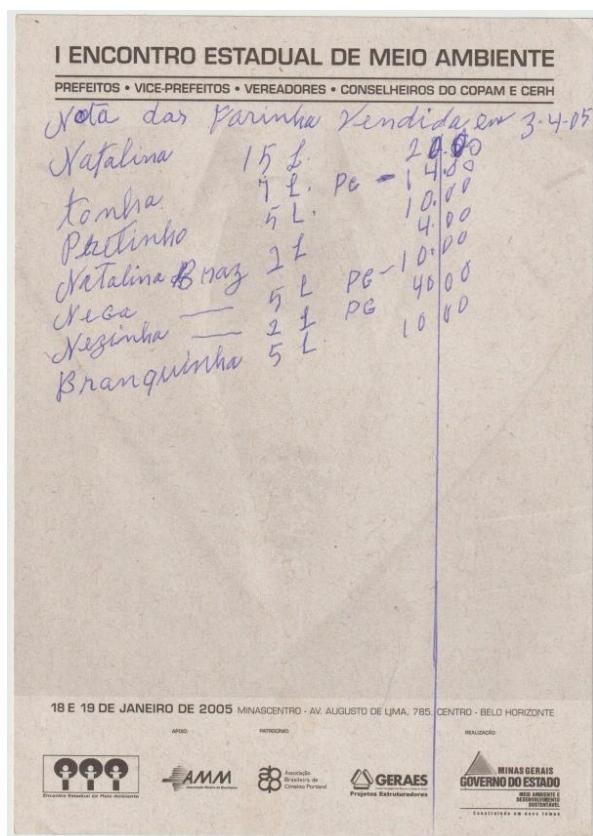
Fotos da horta.

Nesse mesmo período, ao lado da casa do cacique Thyndayba, havia uma farinheira para fazer farinha, já que existiam muitas roças de mandioca. Sendo um dos principais alimentos do povo Pataxó, a farinha não podia faltar.

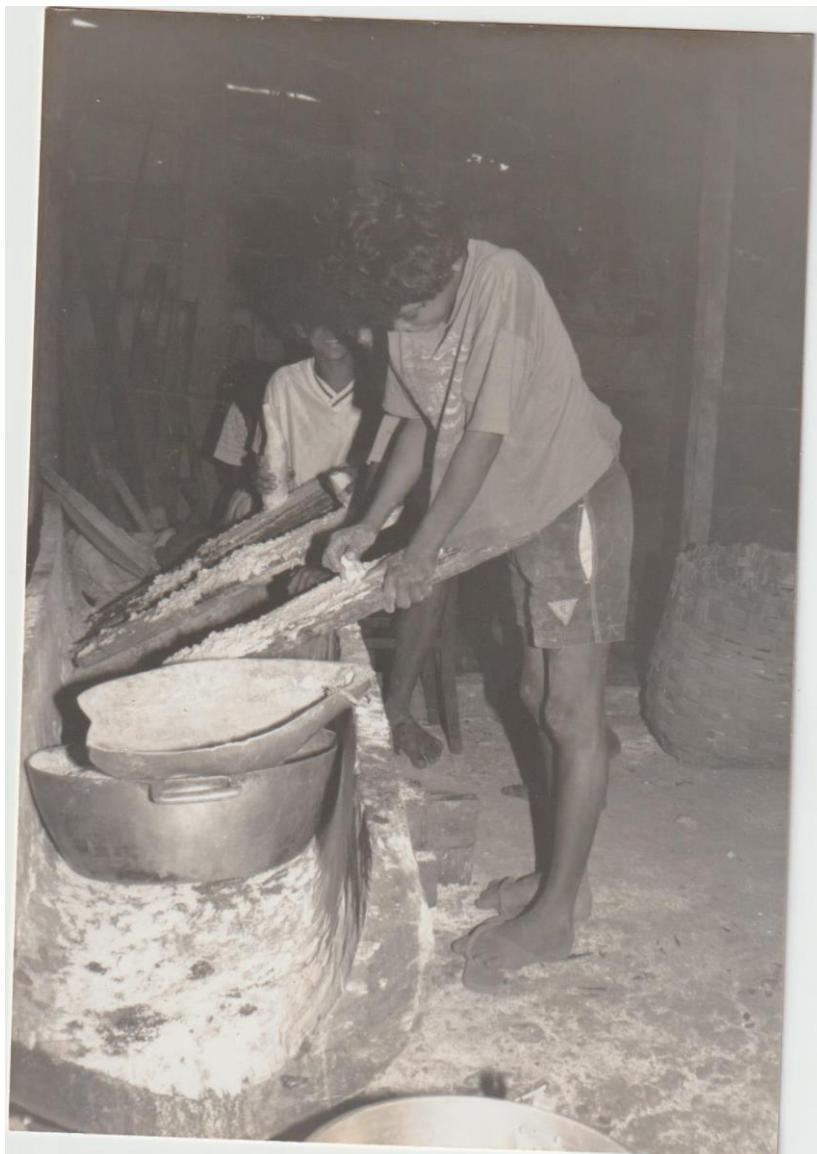
Na farinheira, as famílias se juntavam e dividiam os trabalhos. Os homens iam para a roça buscar as mandiocas e as mulheres e crianças ficavam na farinheira para descascar, ralar, prensar a mandioca e torrar. Eram momentos muito ricos de conhecimento, pois ali eles conversavam sobre tudo, sobre projetos que estavam conseguindo realizar, projetos sonhados, contavam histórias do tempo em que viviam na Bahia, falavam da saudade que sentiam de viver próximo da praia e comer peixe da água salgada. Sempre ao realizar esses trabalhos, as crianças estavam perto brincando, observando os maiores trabalhando e ajudando os pais. Ali eram repassados os ensinamentos que anos mais tarde seriam repassados para uma nova geração .

A farinha produzida ali era dividida da seguinte maneira: um litro para cada família e o que restava era vendido na cidade e dentro da aldeia.

Todas as divisões de alimentos ou doações eram feitas em partes iguais entre as famílias. Thyndayba tinha essa regra.



Registro de venda de farinha.



Criança Pataxó ralando mandioca para fazer farinha.



Apoiadoras da causa indígena ajudando a descascar e ralar mandioca.



GOVERNO DO ESTADO DE MINAS GERAIS
SECRETARIA DE ESTADO DO TRABALHO E AÇÃO SOCIAL

Belo Horizonte, 08 de outubro de 1993.

OF/SF/No.

Senhor(a) Presidente(a),

Comunicamos a V.Sa., a liberação da importância de Cr\$ 60.000,00 (Sessenta mil cruzeiros reais).

Pela SECRETARIA DE ESTADO DO TRABALHO E AÇÃO SOCIAL através da Ordem de Pagamento emitida em 05/10/93 para o BANCO BEMGE AGENCIA GUANHÃES, referente ao CONVÊNIO No. 484/93 OU TÁ, firmado com essa ENTIDADE em 05 / 10 / 93.

Para a aplicação dos recursos, devem ser seguidas atentamente as seguintes recomendações:

- 1 - Conhecimento de todas as cláusulas do Convênio.
- 2 - Verificação do objetivo e a vigência do Convênio (cláusulas 1a., 2a., e 7a.), antes de realizar as despesas.
- 3 - Observação das instruções para aplicação dos recursos e prestação de contas (anexo).
- 4 - Remessa da prestação de Contas no prazo máximo de 10 (DEZ) dias após o vencimento do Convênio, à REGIONAL de GOVERNADOR VATADARES ou para a SEDE DESTA SECRETARIA.
- 5 - Quaisquer esclarecimentos entrar em contato com a REGIONAL ou a SEDE DA SECRETARIA pelo telefone (031) 335-3899 - ramais 2050 ou 2056.

Atenciosamente,

DADAILTON VIEIRA PEREIRA

DIRETOR DA SUPERINTENDÊNCIA DE FINANÇAS

SF06.OF

Ilmo.(a) Sr.(a).
Manoel Ferreira da Silva
Pres.Assoc.Comunit.Indígena Pataxó Thymdayba
CARMÉSIA - MG

Documento de liberação de recurso para a Associação.

Implantação da piscicultura na aldeia Sede

Como é de conhecimento de todos, a base da alimentação Pataxó é o peixe, por ser um povo de área litoral, o consumo de peixe do mar era cotidiano. Na fazenda Guarani não tem rio, mas tinha riachos e ali os Pataxó pescavam pequenos peixinhos, principalmente as crianças que passavam horas dentro dos riachos. Com a necessidade de se alimentar de peixes, os Pataxó, através da Associação Comunitária Indígena Thyndayba, em parceria com a Emater, fizeram o projeto de piscicultura para criação de peixes na Aldeia Sede. Houve parceria com a prefeitura de Carmésia para fazer os tanques de peixes. Num primeiro momento, os homens trabalharam em mutirão para limpar e roçar o local onde seriam os tanques. Naquele momento, o povo Pataxó estava cada dia mais empenhado e em busca de outros trabalhos para desenvolver na comunidade.



Fotos dos tanques de peixe, 1997.

Com muita luta, depois de muitos anos tentando conseguir o projeto de piscicultura, em 1997 eles conseguiram implementar o projeto tão sonhado.

P_R_O_J_E_T_O _D_E_ P_I_S_C_U_L_T_U_R_A C_O_M_U_N_I_D_A_D_E

P_A_T_A_X_Ó

A Comunidade indígena Pataxó, composta por 18 (dezoito) famílias, oriundos do Sul da Bahia, (Aldeia Barra Velha), hoje reside na Fazenda Guarani no Município de Carmésia/MG, ocupando uma área de 3.278 ha. // sendo que nesta área, não existe rios e sim alguns córregos e nascentes.

Devido a falta de peixes na reserva, a Comunidade decidiu, criar/o peixe em cativeiro (piscicultura). Porém no momento a Comunidade /// encontra-se sem recursos para a complementação deste projeto.

Pin. Guarani, 16 de Junho de 1997

Documento para o projeto de criação de peixes



Catálogo do curso de piscicultura feito por alguns indígenas para desenvolver o projeto de criação de peixes.



Foto de quando estavam retirando os peixes para consumo e venda.

1º Novembro - 84			
1 Kg Zilda	6,00	PJ	Zilda
4 Kg Tamara	20,00	PJ	Nega
2 Kg Paula	10,00	PJ	Avelino
3 Kg Sônia	12,00	PJ	Cidreira
1 Kg Rosângela	6,00	PJ	gizé
5 Kg Domingos	25,00	PJ	Natalina PG
3 Kg Cezar	15,00	PJ	Geli PG
2 Kg Almenor	10,00	PJ	Vardo
2 Kg Iuri	10,00	PJ	26-11-84
2 Kg Pedro	10,00	PJ	Natalina PG
2 Kg Natália	10,00	PJ	Silviano
1 Kg Maria	5,00	PJ	Edu
2 Kg Rosângela	10,00	PJ	Geli
2 Kg Sônia	10,00	PJ	Gali PG
1 Kg Tânia PG	9,00	PJ	Branca PG
2 Kg Maria	10,00	PJ	Zilda
1 Kg Sônia	20,00	PJ	Fundo Fumago
2 Kg Nego	10,00	PJ	Total 109 + 5,00 + 4,00
	216,00		PJ
	10,00		Fundo
	195,00		
43 Kg peixes			
7,50			
10,00			
2,50			
2			

Anotações de Thyndayba sobre as vendas dos peixes.

O que chama a atenção em relação à pesquisa que fiz é o fato de Thyndayba sempre ter sido muito organizado com os seus documentos. Ele organizava o trabalho em sua comunidade e fazia as anotações de tudo em cadernos, inclusive tinha uma lista com todas famílias e seus membros. Anotava tudo: compra de materiais, dias trabalhados, nomes de todas as famílias. O jeito de administrar a documentação e liderar a comunidade me chamou bastante atenção.

Distribuidora Nota fiscal 6-02-03	
Valor total	
Agnaldo pg 31-01-03	275,00 - - Gasolina 50
Casa Carvalho 28-01-03	034,50 -
Oliveira Amaral 23-01-03	156,80 -
Casa do criador 28-11-02	1800 -
Casa do criador 28-11-02	4800 -
Comercial Leite 22-11-02	2200 -
Oliveira Amaral 27-01-03	- 8,00 -
Organizações Chacás 28-11-02	150 -
Casa Prado 3-12-02	1200 -
Agro Pecuário 24-02-03	16,00 -
Casa de Construção 27-02-03	1,00 -
Casa do Fazendeiro 27-02-03	1,50 -
Total de faturamento	8,40 -
Peixe Alevino 3-12-03	760,00
Casa do Fazendeiro	105,00
Almoço e Lanche	12,00
	1.689,90
2100	
4200	
6300	
3000	
9300	

Anotações e prestação de contas feitas por Thyndayba.

130	Noguita	45,00	Noguita 25
30	Resilente	53,00	53
16	Zé Julio	100,00	100
2	Betinho	150,00	Betinho 100
5	go circo	045,00	Circo 150
10	cacio	80,00	Cacio 50
96	Simi	200,00	Sim 200
			578
15100		903,00	
39700		598,00	
508,00		705,00	
598,00			
578,00			
020,00			
	dinheiro da Comunidade		
	6K. praça 250.	1600	
4	Roda Aymã	1200	
2	Coassuline	1000	
24	Alm quernado	0300	
70			
58			
102			
156	114		
010	10		
		22630	

Prestação de contas apresentada por Thyndayba nas reuniões da Associação.

Como já foi destacado, durante mais de 20 anos, Manoel esteve como liderança da sua comunidade. Ele viajava para participar de reuniões importantes, em busca de melhoria para seu povo. E como forma de agradecimento do seu povo, um dos seus sobrinhos, Araryby Pataxó, fez inclusive uma música em homenagem ao cacique Thyndayba Pataxo .

Eu vou cantar

*O índio tinha liberdade
Em seu lugar onde vivia
Ele vivia de bem com a natureza
Admirando a sua beleza.*

*Suas terras não eram demarcadas;
Com limite de separação
Ele vivia onde queria
Ele era o chefe de sua nação*

*O índio cantava alegremente
Invocando os deuses da natureza
Mas um dia inesperadamente
Surgiu no meio uma grande tristeza.*

*Tristeza essa que eu não vou falar
Não vou falar o que aconteceu
Pois todo o índio do Brasil pode contar
Só não conta aquele que já morreu.*

*Depois de tantos sofrimentos
Eu vou para o meu povo contar
O índio que até hoje resistiu
Tem muitas histórias pra contar*

*Eu vou cantar para o Maxakali
Tupinikin, Krenak e pataxó
Xacriabá, xukuru, Guarani
Tupinambá, Aranã, Kaxixó.*

*Letra e música de Ararybhy Pataxó Tonalidade – Mi maior
Homenagem ao cacique Thywndayba Pataxó*

Centro Cultural Thyndayba Pataxó

Uma das grandes provas de sua importância para o povo Pataxó é que ele foi homenageado pela comunidade, dando o nome ao centro cultural que chamamos de “Centro Cultural Twyndayba”, local sagrado onde ocorrem nossos rituais e momentos culturais da aldeia.

Desde a década de 80, a festa tradicional Pataxó “Awê” era realizada em uma cabana, em frente à casa de Manoel Ferreira da Silva. Todos os anos, um mês antes da festa, que acontece no mês de abril, a comunidade se juntava para organizar e refazer a cabana onde acontecia o ritual. Por muitos anos, durante o seu cacicado, a festa aconteceu nessa cabana. Anos mais tarde, a cabana passou a ser de outro lado, mas ainda próxima à casa de Thyndayba, na chegada da aldeia.



Reforma da cabana em frente à casa de Manoel. 1998

Por estar localizada na chegada da aldeia, sentíamos a necessidade de um lugar mais afastado para fazer nossos rituais. Então, fazíamos na mata da Cutia, um local de difícil acesso, mas sagrado para o povo Pataxó da Aldeia Sede. Foi então na liderança de

Mesaque e Alexandre, em parceria com a Prefeitura de Carmésia e com a emenda parlamentar do deputado estadual André Quintão, que foi possível a construção do centro cultural da aldeia com a cabana central, uma cozinha e com as barracas para a venda dos artesantos Pataxó.

Foi uma realização de toda a comunidade, pois agora tínhamos um local para a realização do nosso ritual. O centro cultural recebeu então o nome de “Centro Cultural Thyndayba”. Foi realizado um momento cultural de agradecimento e reconhecimento à Thyndayba. No dia da homenagem, em abril de 2015 aconteceram danças, cantos, e a primeira tataraneta entregou a placa com o nome do centro cultural que leva o nome dele. Foi um momento muito importante, principalmente por homenagear em vida alguém que teve tanta importância na nossa comunidade.



Centro Cultural Thyndayba.



Cacique Mesaque (sobrinho) e vice-cacique Alexandre (neto) homenageiam Thyndayba Pataxó.



Foto de Twyndayba Pataxó ao lado do deputado André Quintão e algumas pessoas da aldeia sede.

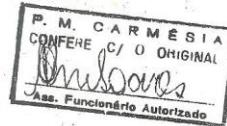
Início das aulas na Aldeia Sede e construção da Escola Estadual Indígena Pataxó Bacumuxá

Em 1989, Thyndayba ao lado de outras lideranças Pataxó conseguiram a demarcação do território para o povo Pataxó. Com a demarcação do território, ele foi em busca de melhorias para seu povo. Começou aí a discussão sobre educação outras políticas públicas para a Aldeia Sede.

No ano de 1990, conseguimos que as crianças pudessem ter acesso à escola dentro da aldeia, com professores não indígenas. Como já existia um prédio antigo na aldeia, ali começaram as aulas do 1º ao 4º ano com professores não indígenas. No ano de 1996, juntamente com outras lideranças Pataxó que vieram da Bahia, eles conseguiram uma parceria com a UFMG para formação de professores indígenas.



Prefeitura Municipal de Carmésia
ESTADO DE MINAS GERAIS



LEI N° 352/96

"Cria a Escola Municipal de Educação Indígena Pataxó Bacumuxá"

A câmara Municipal de Carmésia através de seus vereadores aprova e eu Prefeito Municipal sanciono a seguinte Lei:

Art.1º- Fica criada a Escola Municipal de Educação Indígena Pataxó "Bacumuxá".

Art.2º- Fica autorizado o Poder Executivo através da Secretaria Municipal da Educação, Cultura e Desporto regulamentar a Legislação específica para este tipo de escola de acordo com a Lei Federal e Estadual.

Art.3º- As despesas com a criação da referida escola citada no Art 1º desta mesma Lei, correrão por conta de dotações próprias desta Municipalidade.

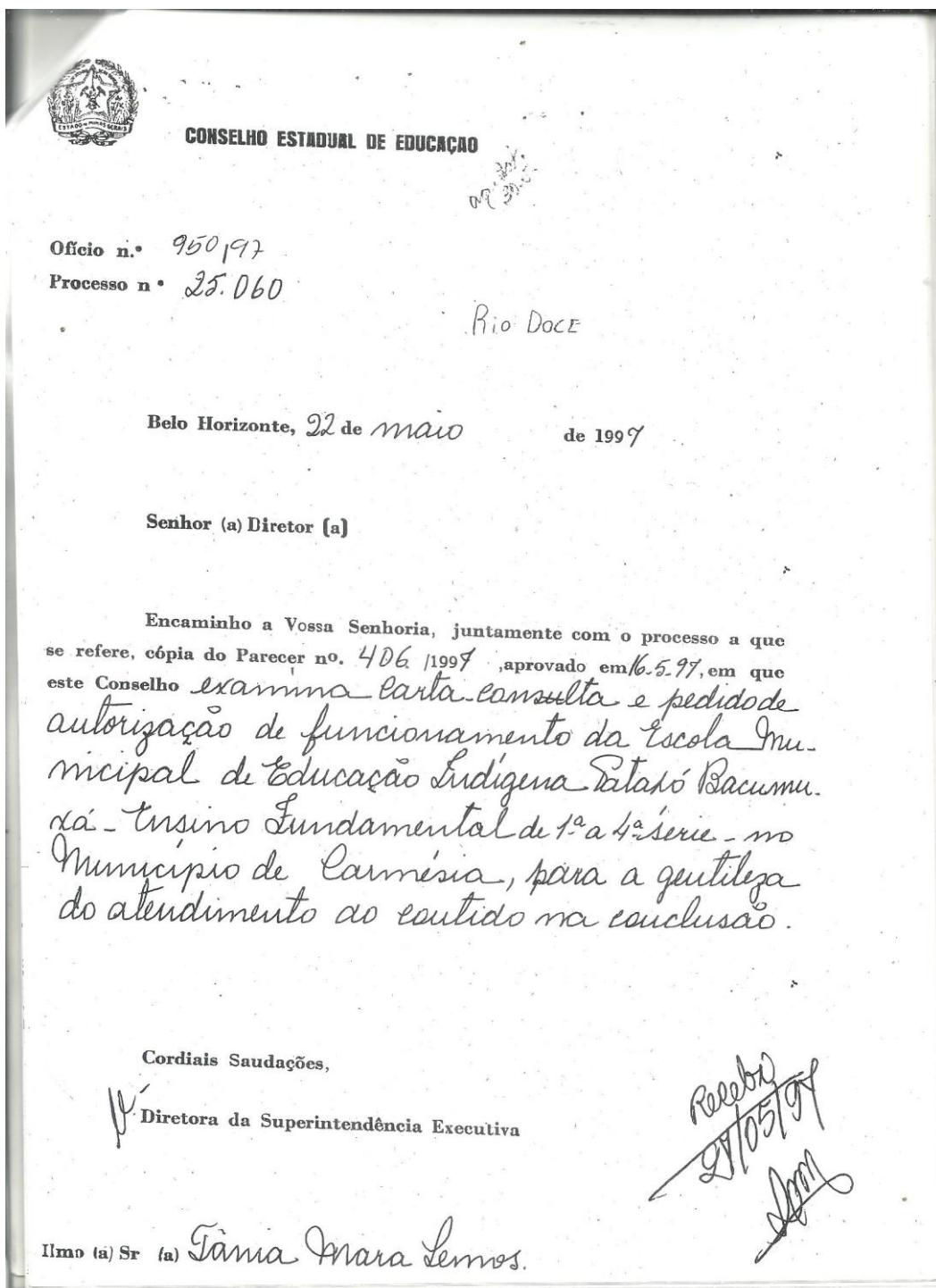
Art.4º- Revogam as disposições em contrário, esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação.

Prefeitura Municipal de Carmésia em 1º de abril de 1.996,

FLÁVIO SOARES MADUREIRA
Prefeito Municipal

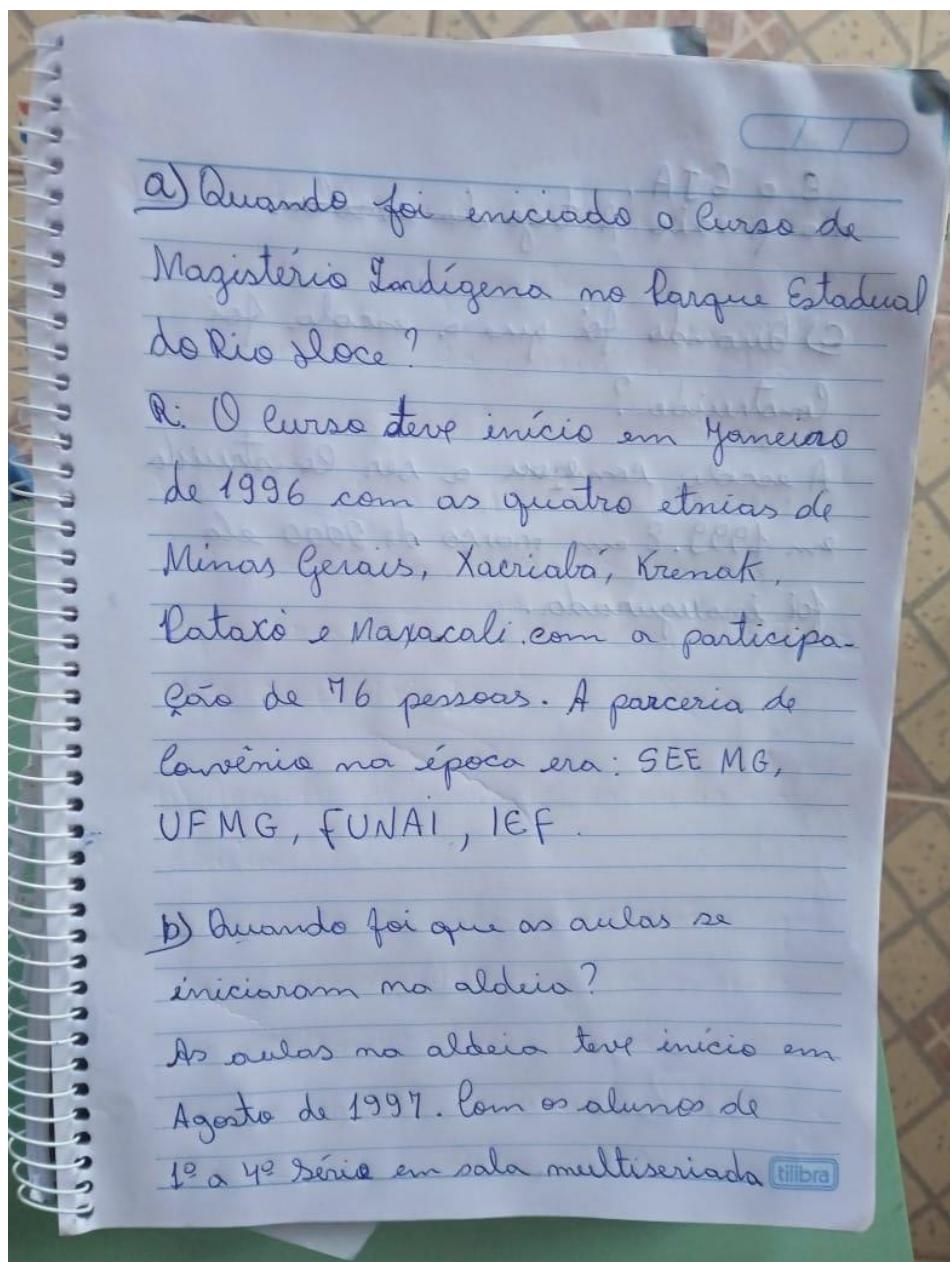
Documento da Lei de criação da Escola Municipal de Educação Indígena .

Durante alguns anos, esse curso era oferecido pela UFMG no Parque Estadual do Rio Doce. Nesse curso se formaram alguns professores da Aldeia Sede e em agosto de 1997, as aulas passaram a ser conduzidas nas aldeias pelos professores indígenas.



Cópia do parecer de autorização para funcionamento da Escola.

Em 1999, a Escola da Aldeia Sede começou a ser construída. A construção foi baseada nas moradias antigas do povo Pataxó. Um espaço no centro, onde funciona o refeitório, e as salas ao redor, significando as casas antigas. O nome *Bacumuxá* foi escolhido por significar “árvore do conhecimento”, já que antigamente os alunos não tinham onde estudar e acabavam aprendendo embaixo das árvores. Assim como na Aldeia Sede, na Aldeia Retirinho, hoje, Kanâ Mihay, as escolas foram inauguradas em março do ano 2000.



Entrevista com a professora Vanusa, formada na primeira turma do magistério indígena da UFMG.

E o EJA
no predio Antigo da escola.

c) Quando foi que a escola foi
construída?

A escola começou a ser construída
em 1999. E em março de 2000 ela
foi inaugurada.

Vida política: primeiro vereador indígena do município de Carmésia

Thyndayba sempre teve um bom relacionamento com os moradores de Carmésia, e entre eles, tinha o vereador Ronaldo Freitas (PFL), que apoiava e era a favor dos povos indígenas em Carmésia. Como vereador, ele buscava um melhor atendimento ao Pataxó e leis que preservassem nossa identidade e cultura.

Esse vereador, além de defender os direitos indígenas na câmara de Carmésia, também se tornou amigo de Thyndayba. Assim, Ronaldo Freitas orientou e incentivou Thyndayba a se candidatar como vereador para que a comunidade indígena tivesse seu próprio representante na câmara municipal de Carmésia.

Em 1993, Thyndayba se candidatou a vereador da cidade e foi eleito, sendo vereador por quatro mandatos consecutivos.



Posse de Thyndayba como vereador em 1993.



Propaganda da campanha eleitoral para o segundo mandato.



Propaganda da campanha eleitoral para o quarto mandato.

GABINETE DO DEPUTADO ALBERTO PINTO COELHO
Assembléia Legislativa do Estado de Minas Gerais

Ofício nº 1.152/2003

Belo Horizonte, 21 de outubro de 2003.

Ilustríssimo Senhor Frederico:

Atendendo pleito do Vereador Manoel Ferreira da Silva, Presidente da Câmara Municipal de Carmésia, venho solicitar a V. Sa. estudar a possibilidade de liberar a instalação de telefones públicos nas comunidades de São Tomás, Vila Esperança e na Reserva Indígena Pataxó, no município de Carmésia.

Tenho certeza que V. Sa. não medirá esforços para dotar as referidas comunidades de tão eficaz meio de comunicação, indispensável para a melhoria da qualidade de vida daqueles moradores.

Na oportunidade, reitero a V. Sa. o meu apreço e a minha gratidão.

Atenciosamente,

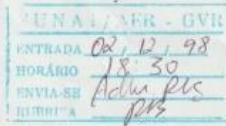
**Deputado Alberto Pinto Coelho
Líder do Governo**

Ilmo. Sr.
Frederico da Silva Passos
Gerência de Telefonia Pública – TELEMAR

23/10/2003 019162



Requerimento de Thyndayba como vereador solicitando telefone público.



REQUERIMENTO

A
ADMINISTRAÇÃO REGIONAL DA FUNAI
GOVERNADOR VALADARES/MG.

O abaixo assinado, MANOEL FERREIRA DA SILVA, índio Pataxó; cacique e vereador no município de Carmésia/MG, residente na Terra Indígena Guarani, naquele município, vem solicitar de Vossa Senhoria anuência da FUNAI para que a Prefeitura Municipal de Carmésia/MG. possa fazer uma guarita no trevo que dá acesso à Terra Indígena Guarani, na Rodovia que liga cidade de Carmésia à BR 120.

Tal solicitação prende-se ao fato da necessidade dos índios da Terra Indígena Guarani Ter um abrigo contra as intempéries da natureza, enquanto aguardam transporte de ônibus e outros meios rodoviários.

Na oportunidade informo ainda que, no local de construção da referida guarita já é ponto de ônibus homologado pelo DER/MG.

Sem mais para o momento, aguardo deferimento desta Fundação.

Governador Valadares, 02 de dezembro de 1.998.

Manoel Ferreira da Silva
VEREADOR MANOEL FERREIRA DA SILVA
CACIQUE PATAKÓ

Requerimentos de Thyndayba como vereador encaminhado à FUNAI solicitando guarita.

Cascalhar o acesso trevo/Guarani;

Calçamento na rua do Guarani;

Reforma de casas;

Construção de uma casa para a instalação dos computadores;

Instalação de uma torre para internet;

Estruturar o Estádio de futebol “ Cel. Magalhães;”

Criar uma secretaria de assuntos indígenas com preparação de funcionários;

Contratação de uma pessoa para cuidar da limpeza do Guarani;

Reabrir e limpar o Ribeirão Guarani

Prestar apoio as atividades turísticas da reserva e infra estrutura da aldeia para atender demandas sócio cultural;

Dar continuidade a coleta seletiva do lixo;

Criar e manter um site para a divulgação da cultura indígena bem como o nosso artesanato é uma atração turística que visa lucratividade para o município e reconhecimento nacional e internacional do mesmo;

Prestar apoio à saúde indígena, contratando profissionais qualificados para atender demandas da comunidade na área de odontologia;

Cobrar dos funcionários indígenas o cumprimento dos horários de trabalho, uma vez que o pagamento dos mesmos é de responsabilidade da prefeitura.

Demandas levantadas pela comunidade, encaminhadas por Thyndayba, ao prefeito de Carmésia, com o intuito de melhorar a infraestrutura da aldeia e promover o fortalecimento cultural.

A eleição de Thyndayba como o primeiro indígena vereador no município de Carmésia foi mais um marco histórico importante para o povo Pataxó da Aldeia Sede. Em parceria com o prefeito, conseguiram alguns projetos de construção de casa para as famílias que não tinham moradia.

Como ele fez uma boa gestão como vereador no primeiro mandato de 1993 a 1996, na eleição seguinte ele se candidatou novamente e foi reeleito, e assim aconteceu por quatro mandatos. Em um desses mandatos, ele foi presidente da Câmara e foi homenageado como o vereador mais atuante no município.

Instituto Tiradentes

Vigosa, 01 de Março de 2008

Exmo. Sr. Vereador, Manoel Ferreira Da Silva
Carmésia

De acordo com consulta realizada em seu município, pelo Instituto Tiradentes, Vossa Senhoria foi indicada como um dos Vereadores mais atuante desta egrégia casa.

Face ao exposto, tenho a honra de comunicar-lhe que vossa exceléncia foi agraciada com tão importante distinção que é a Medalha dos Inconfidentes.

A Medalha dos Inconfidentes é entregue a Prefeitos, Vereadores e personalidades que atuam e exercem seus mandatos com respeito à cidadania.

A entrega de tão importante distinção será realizada na cidade de Belo Horizonte, no próximo dia 26 de março, no LACES/JK - Liceu de Artes, Cultura, Esporte e Saúde, situado à Rua Caetés, 603 - Centro. E contará com a presença de diversas autoridades.

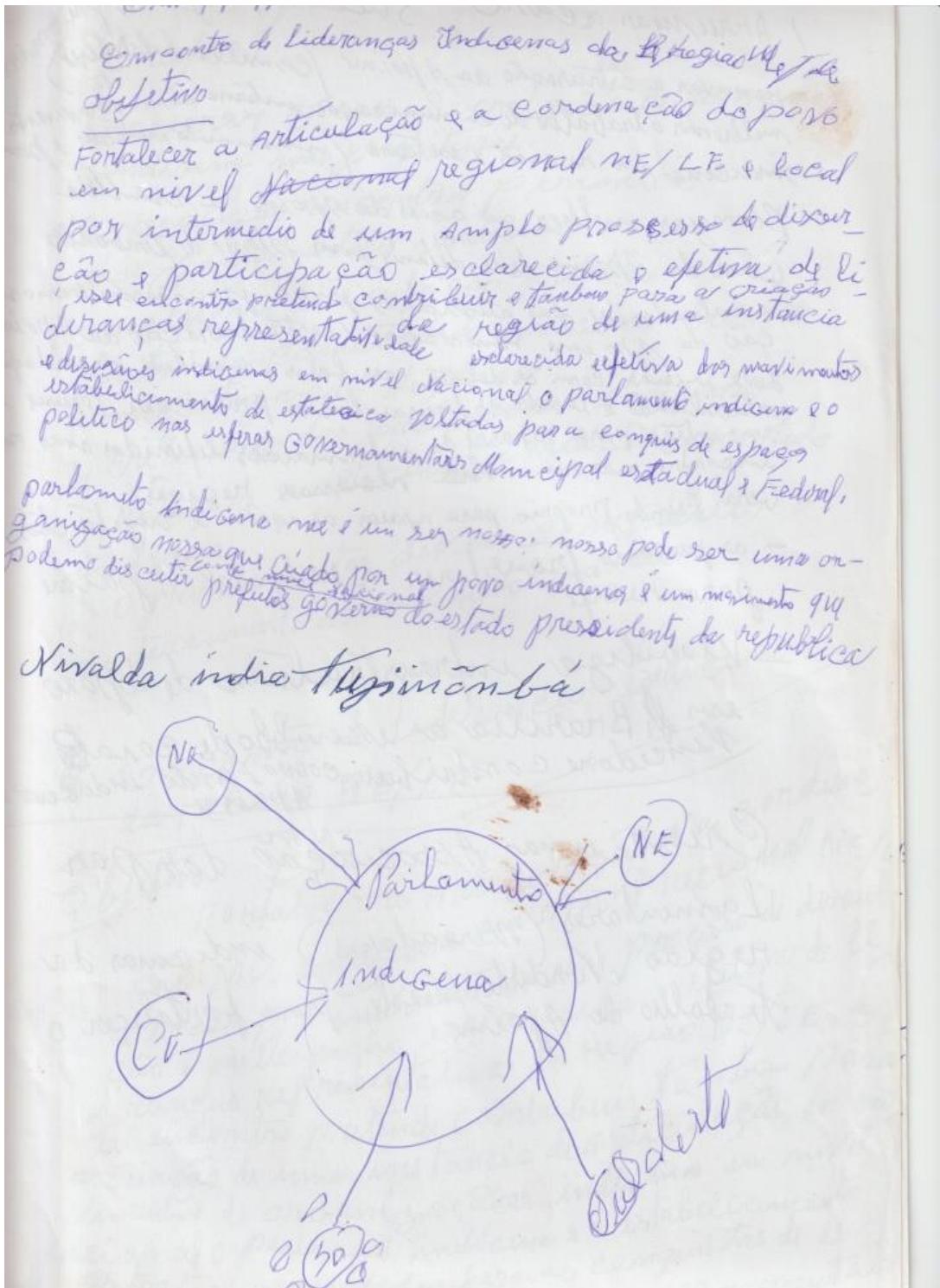
Devido à magnitude do evento, solicitamos gentilmente confirmar vossa presença, através do telefone (031) 3891-9707, até o dia 19 de março, para que tenhamos tempo de cunhar a vossa medalha.

Certos de contarmos com vossa importante presença, antecipamos nossos sinceros agradecimentos.

José Castro
Diretor
Instituto Tiradentes



Homenagem a Thyndayba como vereador mais atuante no município de Carmésia.



Registro de atuação na comunidade como cacique.

Em 2015, em um dia de ritual, ele foi homenageado e recebeu uma placa com o nome do centro cultural, o nome dele, no caso.

Foi um momento de muita alegria e realização pois conseguimos construir nosso centro cultural e fazer essa homenagem , uma vez que na maioria dos casos, o homenageado já esta morto e com os Pataxó foi diferente, ele esta vivo. Mesmo com a saúde debilitada, de vez quando levamos ele no centro cultural em dia de ritual.

CONCLUSÃO

Com esta pesquisa podemos conhecer a trajetória de vida e o quão Thyndayba Pataxó foi importante e de grande referência para o povo Pataxó da Aldeia Sede. Com seus ensinamentos, sua sabedoria de liderança forte, ele deu início a luta no território mineiro.

Através desta pesquisa, dos relatos dos entrevistados, das fotos e documentos lidos, pude conhecer a história de Thyndayba Pataxó, sinto orgulho de ser neta do grande líder que o meu avô foi. Ao escrever este trabalho, revivi muitos momentos da minha infância, foi uma volta ao tempo, cheia de saudades e orgulho em saber que na Aldeia Sede, onde nasci, onde meu filho nasceu, em cada cantinho podemos ver o trabalho de liderança que meu avô deixou para as novas gerações. O legado do pescador que pescou sabedoria, ensinamentos para sua comunidade, para sua descendência.

O objetivo inicial da pesquisa foi elaborar um documento para ser usado na escola da aldeia, para consulta e principalmente para ficar registrado a trajetória de vida de Thyndayba, que saiu do seu território originário e veio para Minas Gerais com a família e depois trouxe outros parentes, iniciando uma nova vida em território mineiro. Aqui viu o crescimento da sua aldeia tanto, em número de pessoas como em qualidade de vida, aqui conseguiram reafirmar e fortalecer a cultura Pataxó e a identidade indígena.

Thyndayba conseguiu ser eleito por quatro mandatos como vereador indígena no município de Carmésia e, com sua experiência e dedicação, desenvolveu um excelente trabalho.

☞ Acesse nos links abaixo o registro em vídeo da entrega desta monografia para Thyndayba Pataxó:

<https://www.youtube.com/watch?v=Cn-5Qognnw>

IMAGENS E DOCUMENTOS DA VIDA E O TRABALHO DE MANOEL FERREIRA DA SILVA – THYNDAYBA PATAXÓ

Este capítulo é destinado a imagens da vida de Thyndayba, que retratam vários momentos junto à família, na atuação como liderança e como vereador. Acredito ser de grande importância para que todos tenham acesso a esse acervo encontrado em sua casa. A maioria das fotos e documentos fazem parte do arquivo pessoal de Thyndayba.



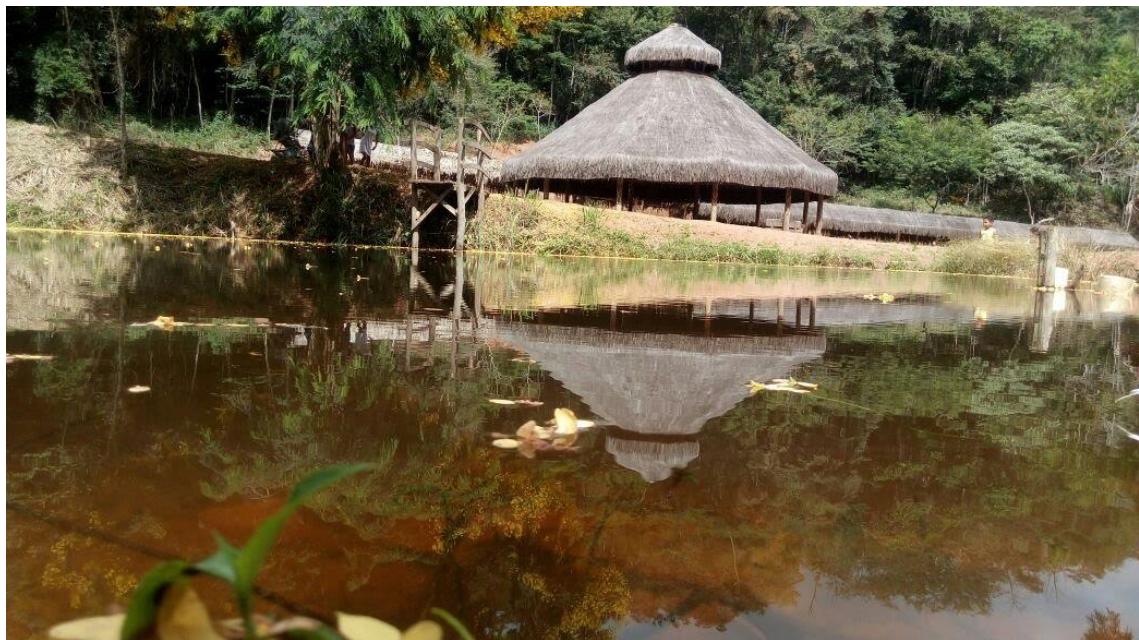
Viagens para venda de artesanato.



Foto de Thyndayba com sobrinho neto.



Foto de Thyndayba com a neta Leila Pataxó e a bisneta Sheila.



Centro Cultural Twyndayba Pataxó.



Binestos e tataranetos em 2018.



Alunos da Escola Estadual Indígena Pataxó Bacumuxá escutando as histórias de D. Maria e Manoel.





Foto da chegada ao Centro Cultural Txywdayba Pataxó.



Título de honra ao mérito do último mandato de Manoel Ferreira.

 GM ALEVINOS LTDA. ME		NOTA FISCAL																																				
		<input type="checkbox"/> DE SAÍDA	<input type="checkbox"/> DE ENTRADA																																			
		Nº 000064																																				
Rua João Nogueira, 100 - Bairro Inconfidentes Contagem - Minas Gerais - CEP 32260-330 Tel.: (031) 333-2649 - Fax: (031) 333-2737		CGC: 01.662.887/0001-46 INSCRIÇÃO ESTADUAL: 186.338.209.00.69																																				
NATUREZA DA OPERAÇÃO: 512		CFCOP: 66-231-3527001-46 INSCRIÇÃO ESTADUAL: CEP: DATA LIMITE PARA EMISSÃO: 00/00/00																																				
DESTINATÁRIO / REMETENTE: NOME / RAZÃO SOCIAL: Azevedo Com. Ind. e Agro. Pecuária e Agronegócios ENDERECO: Ribeirão das Nações MUNICÍPIO: Guaramby		BAIRRO / DISTRITO: Centro FONE / FAX: (31) 333-2649 U.F.: MG INSCRIÇÃO ESTADUAL: 15-12-33 DATA DA EMISSÃO: 15-12-97 DATA DA SAÍDA / ENTRADA: 15-12-97 HORA DA SAÍDA: 15:12:42																																				
DADOS DO PRODUTO:		<table border="1"> <thead> <tr> <th>DESCRIPÇÃO DOS PRODUTOS</th> <th>CST</th> <th>UNID.</th> <th>QUANT.</th> <th>VALOR UNITÁRIO</th> <th>VALOR TOTAL</th> <th>Alíquota ICMS</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>Alevinos de Tamboré</td> <td>01</td> <td>kg</td> <td>75</td> <td>70,00</td> <td>525,00</td> <td></td> </tr> <tr> <td>Alevinos de Campeiro Robalo Grande</td> <td>01</td> <td>kg</td> <td>0,15</td> <td>80,00</td> <td>12,00</td> <td></td> </tr> <tr> <td>Alevinos de Campeiro Rapim</td> <td>01</td> <td>kg</td> <td>0,75</td> <td>90,00</td> <td>67,50</td> <td></td> </tr> <tr> <td>Alevino de Curimata</td> <td>01</td> <td>L</td> <td>1</td> <td>80,00</td> <td>80,00</td> <td></td> </tr> </tbody> </table>		DESCRIPÇÃO DOS PRODUTOS	CST	UNID.	QUANT.	VALOR UNITÁRIO	VALOR TOTAL	Alíquota ICMS	Alevinos de Tamboré	01	kg	75	70,00	525,00		Alevinos de Campeiro Robalo Grande	01	kg	0,15	80,00	12,00		Alevinos de Campeiro Rapim	01	kg	0,75	90,00	67,50		Alevino de Curimata	01	L	1	80,00	80,00	
DESCRIPÇÃO DOS PRODUTOS	CST	UNID.	QUANT.	VALOR UNITÁRIO	VALOR TOTAL	Alíquota ICMS																																
Alevinos de Tamboré	01	kg	75	70,00	525,00																																	
Alevinos de Campeiro Robalo Grande	01	kg	0,15	80,00	12,00																																	
Alevinos de Campeiro Rapim	01	kg	0,75	90,00	67,50																																	
Alevino de Curimata	01	L	1	80,00	80,00																																	
CÁLCULO DO IMPOSTO		<table border="1"> <thead> <tr> <th>BASE DE CÁLCULO DO I.C.M.S.</th> <th>VALOR DO I.C.M.S.</th> <th>BASE DE CÁLCULO DO I.C.M.S. SUBSTITUIÇÃO</th> <th>VALOR DO I.C.M.S. SUBSTITUIÇÃO</th> <th>VALOR TOTAL DOS PRODUTOS</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>VALOR DO FRETE</td> <td>VALOR DO SEGURO</td> <td>OUTRAS DESPESAS ACESÓRIAS</td> <td>VALOR TOTAL DO I.P.I.</td> <td>152,00</td> </tr> </tbody> </table>		BASE DE CÁLCULO DO I.C.M.S.	VALOR DO I.C.M.S.	BASE DE CÁLCULO DO I.C.M.S. SUBSTITUIÇÃO	VALOR DO I.C.M.S. SUBSTITUIÇÃO	VALOR TOTAL DOS PRODUTOS	VALOR DO FRETE	VALOR DO SEGURO	OUTRAS DESPESAS ACESÓRIAS	VALOR TOTAL DO I.P.I.	152,00	VALOR TOTAL DA NOTA: 132,50																								
BASE DE CÁLCULO DO I.C.M.S.	VALOR DO I.C.M.S.	BASE DE CÁLCULO DO I.C.M.S. SUBSTITUIÇÃO	VALOR DO I.C.M.S. SUBSTITUIÇÃO	VALOR TOTAL DOS PRODUTOS																																		
VALOR DO FRETE	VALOR DO SEGURO	OUTRAS DESPESAS ACESÓRIAS	VALOR TOTAL DO I.P.I.	152,00																																		
TRANSPORTADOR / VOLUMES TRANSPORTADOS		<table border="1"> <thead> <tr> <th colspan="3">NOME / RAZÃO SOCIAL</th> <th>FRETÉ P/ CONTA 1-EMITENTE 2-DESTINATÁRIO</th> <th>PLACA DO VEÍCULO</th> <th>U.F.</th> <th>CGC / CPF</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td colspan="3">O WAGNER</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> </tbody> </table>		NOME / RAZÃO SOCIAL			FRETÉ P/ CONTA 1-EMITENTE 2-DESTINATÁRIO	PLACA DO VEÍCULO	U.F.	CGC / CPF	O WAGNER							MUNICÍPIO U.F. INSCRIÇÃO ESTADUAL																				
NOME / RAZÃO SOCIAL			FRETÉ P/ CONTA 1-EMITENTE 2-DESTINATÁRIO	PLACA DO VEÍCULO	U.F.	CGC / CPF																																
O WAGNER																																						
QUANTIDADE		ESPÉCIE	MARCA	NÚMERO	PESO BRUTO	PESO LÍQUIDO																																
DADOS ADICIONAIS																																						
CONDIÇÕES DE PAGAMENTO:		RESERVADO AO FISCO																																				
OPERAÇÃO/PRESTAÇÃO ISENTA DO ICMS NOS TERMOS DO INCISO I DO ART. 10 DA LEI Nº 10992 DE 29 DE DEZEMBRO DE 1992. NÃO GERA DIREITO A CRÉDITO DO IMPOSTO																																						
 Gráfica Ed. Juliana Ltda., Av. José Faria da Rocha, 5060, casa, Cidade JD. Eldorado, Contagem, MG, Cep 32.310-210, Tel.: (031) 395-1816, CGC 17.052.697/0001-47, insc. Est.: 186.303817.0073 03 bls. de NF MOD I, 50x05 de 000.001 a 000.150, conf. aut. nº 001158091997, da SRF Metropolitana / AF II Contagem, em 01/07/97		DATA DE IMPRESSÃO: 11/07/97																																				

Nota fiscal de compra de alevinos.

APIS & INDIGENAS LTDA. - EPP

NOTA FISCAL Nº

SAÍDA ENTRADA

001365

RUA LINDOLFO AZEVEDO, 111 - JARDIM AMÉRICA

BELO HORIZONTE - MINAS GERAIS

FONE: (031) 371-1776 - TELEFAX: 332-0416 - CEP 30.460-050

NATUREZA DA OPERAÇÃO Venda	CF OP 512	INSC. ESTADUAL DO SUBSTITUTO TRIBUTÁRIO
		INSCRIÇÃO ESTADUAL 062.668518-0098

3º Via Fisco

DATA LIMITE PARA EMISSÃO
00/00/00

DESTINATÁRIO / REMETENTE		CGC/CPF 93233192/0001-74		DATA DA EMISSÃO 29/12/99	
ENDERECO Posto Indígena Guaraní		BAIRRO/DISTRITO	CEP 35 878 00		
MUNICÍPIO Camexia	FONE/FAX 864 1145	U.F. MG	INSCRIÇÃO ESTADUAL isento		HORA DA SAÍDA 16:00 h.

DADOS DO PRODUTO

DESCRIÇÃO DOS PRODUTOS	C.S.T.	UNID.	QUANT.	VALOR UNITÁRIO	VALOR TOTAL	ALIQ. ICMS
Cera alveolada	KG	15	14,00	210,00		
Atame galvanizado nº 22	KG	3	5,50	16,50		
Carretinha manual	UN	1	11,30	11,30		
Caneco p/ soldar cera	UN	1	6,00	6,00		
Fumigador profissional imesul	UN	2	26,50	53,00		
Tela de transporte de ninho	UN	5	5,30	26,50		
Alimentador boardman	UN	5	2,00	10,00		
Centrifuga inox 8q	UN	1	327,00	327,00		
Decantador inox 200 kg	UN	1	385,00	385,00		
Mesa desoperculadora inox p/ 16q	UN	1	324,00	324,00		
Garfo desoperculador	UN	2	4,50	9,00		
Derretedor de cera	UN	1	49,00	49,00		
Limpador de ranhura	UN	1	1,50	1,50		
Peneira inox p/ decantador 200kg	UN	1	69,00	69,00		
Cominhas p/ captura de enxame pc c/50g	UN	3	0,90	2,70		
Formão p/ apicultura	UN	3	2,00	6,00		

CÁLCULO DO IMPOSTO

BASE DE CÁLCULO DO ICMS	VALOR DO ICMS	BASE DE CÁLCULO ICMS SUBSTITUIÇÃO	VALOR DO ICMS SUBSTITUIÇÃO	VALOR TOTAL DOS PRODUTOS 1506,50
VALOR DO FRETE	VALOR DO SEGURO	OUTRAS DESPESAS ACESSÓRIAS	VALOR TOTAL DO IPI	VALOR TOTAL DA NOTA 1506,50

TRANSPORTADOR / VOLUMES TRANSPORTADOS

NOME / RAZÃO SOCIAL Patrus		FRETE POR CONTA 1 - EMITENTE 2 - DESTINATÁRIO <input checked="" type="checkbox"/>	PLACA DO VEÍCULO	U.F.	CGC/CPF
ENDERECO		MUNICÍPIO		U.F.	INSCRIÇÃO ESTADUAL
QUANTIDADE 9	ESPÉCIE Volumes	MARCA	NÚMERO	PESO BRUTO	PESO LÍQUIDO

DADOS ADICIONAIS

RESERVADO AO FISCO

NÃO GERA DIREITO A CREDITO

Gráfica Corrêa Ltda - ME. - Av. Amintas Jacques de Moraes, 204 - LTC - São Salvador - CEP 30.880-330 - Telefax: (031) 474-3674 - BH - MG - Insc. Est. 062.729253-0000 - Insc. CGC 02.271.398/0001-26
350 Jogos Soltos 5 Vias Nota Fiscal Mod. 1-001151 a 001500 - Aut. DT/SRP/METROP. de BH Nº 001329911999 em 02/07/99 - Impressa em 06/07/99.

Recebi(emos) de APIS & INDIGENAS LTDA. - EPP., os produtos constantes da Nota Fiscal indicada ao lado.	NOTA FISCAL
DATA DO RECEBIMENTO	IDENTIFICAÇÃO E ASSINATURA DO RECEBEDOR

Nº 001365

Nota fiscal.

Dil 3Kg = 25,00

Reginaldo 2Kg = 14,00

Fiel 6,800 = 42,70

Neminha 1,100Kg = 7,70

Zé Ricardo 4,800Kg = 33,60

Galan 3,500Kg = 25,70

Zeca 2Kg = 14,00

Minoré 3,200Kg = 22,40

Maria Dolores 1Kg = 7,00

Val 1Kg = 7,00

~~54~~
~~7~~
~~239~~

Peixe Devedores

02-10 Dil 2Kg + 22-08 1Kg = (3Kg)

06-10 Reginaldo (2 Kg)

Fiel 2.100 + (4 Kg)

Neminha (1.100 Kg)

Zé Ricardo 2Kg + 2.800 Kg = (1.800)

Galam 8Kg + 2.500 Kg = (3.300)

25-08 Zeca (2Kg)

25-08 Minoré (3.200 Kg)

92-08 Maria Dolores 1Kg

25-08 Val (9Kg)

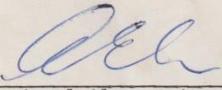
Anotações de Manoel sobre a venda de peixes.

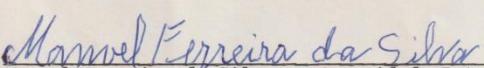
CEDI Centro Ecumênico
de Documentação e Informação

São Paulo, 01 de julho de 1992

Recebemos do Sr. MANOEL FERREIRA DA SILVA, líder da comunidade indígena PATAXÓ de Minas Gerais, as mercadorias abaixo relacionadas, a título de consignação:

<u>quant.</u>	<u>descrição do produto</u>	<u>preço unitário</u>	<u>preço total</u>
25	colares	cr\$ 15.000,00	cr\$ 375.000,00
35	"	cr\$ 10.000,00	cr\$ 350.000,00
10	"	cr\$ 8.000,00	cr\$ 80.000,00
15	"	cr\$ 5.000,00	cr\$ 75.000,00
06	pentes	cr\$ 20.000,00	cr\$ 120.000,00
01	burduna	cr\$ 30.000,00	cr\$ 30.000,00
05	presilhas	cr\$ 8.000,00	cr\$ 40.000,00
02	pulseiras	cr\$ 15.000,00	cr\$ 30.000,00
10	pares de brinco	cr\$ 10.000,00	cr\$ 100.000,00
28	anéis	cr\$ 4.000,00	cr\$ 112.000,00
04	arco/flecha	cr\$ 15.000,00	cr\$ 60.000,00
01	lança	cr\$ 15.000,00	cr\$ 15.000,00
01	"	cr\$ 30.000,00	cr\$ 30.000,00
01	"	cr\$ 40.000,00	cr\$ 40.000,00
02	arco/flecha	cr\$ 40.000,00	cr\$ 80.000,00
total		cr\$ 1.537.000,00	
adiantamento		cr\$ 470.000,00	
total acertar		cr\$ 1.067.000,00	


Antonio Eleilson Leite - CEDI


Manoel Ferreira da Silva - Comunidade Pataxó

Anotações sobre a venda de artesanto da comunida em suas viagens.

RECEBI DO CEDI (CENTRO ECUMENICO DE DOC. E INFORMAÇÃO)
A QUANTIA DE CR\$ 300.000,00 (TREZENTOS MIL CRUZEIROS) REFERENTE,
A ADIANTAMENTO DE ACERTO DE CONSIGNAÇÃO DE ARTESANATOS INDIGENAS.

~~400
300 1537
470 1170
1170 0367~~

SÃO PAULO 15 DE JULHO DE 1992.

Manoel F de Silva
MANOEL PATACHO
RG.Nº M - 3. 327. 588

Elcio

F9) 07) Marly Vieira das Graças
08) Marlene Vieira das Graças

F10

01) Ednaldo Borges da Silva
02) Ângela Margarete Silva Borges
03) Lidiane Borges da Silva
04) Leila Borges da Silva
05) Edilza Borges da Silva

F15
01) Valdir Ferreira da Silva
02) Antonia Rita da Conceição
03) Benedita da Conceição
04) Vanderlei da Conceição
05) Vanderleia da Conceição
06) Valmores da Conceição

F11

01) José Carlos Borges
02) Laudelina Francisca de Jesus
03) Alexandre Borges da Silva
04) Alex Borges da Silva

F16
01) CLEONICE MARIA DA SILVA

F12

01) Benedito dos Santos Braz
02) Algezira Aragão Braz
03) Wakey Aragão Braz

F13

01) Moreno Braz da Conceição
02) Sandra Borges da Silva
03) Keila Tyxaya

F14

01) Maria Lúcia Borges
02) Girinaldo Loures da Silva
03) Girlan Loures da Silva
04) Gilvane Loures da Silva
05) Zizizne Loures da Silva
06) Geane Loures da Silva

ASSOCIAÇÃO COMUNITÁRIA INDÍGENA PATAXÓ THYUMDAYBA - ACIP

Nº FAMÍLIAS ASSOCIADAS

F-1

- 01) Sebastião Augusto de Souza
- 02) Antonia Aragão da silva
- 03) Kely Wanaty Silva Souza
- 04) Isaias Silva Souza
- 05) Ismael Silva Souza
- 06) Isaque Silva Souza

F2

- 01) Alcides Ferreira da Silva
- 02) Natalina Aguiar de Aragão Silva
- 03) Adilson Silva de Jesus
- 04) Mezaque Silva de Jesus
- 05) Abias Silva de Jesus
- 06) Ângela Aragão da Silva
- 07) Aliane Aragão da Silva
- 08) Anaide Aragão da Silva
- 09) Antonio Aragão da Silva

F3

- 01) Osvaldo Ferreira da Silva
- 02) Malvina Afonso da Silva
- 03) Jackson Ferreira da Silva
- 04) Ademilson Ferreira da Silva
- 05) Maria Vanda Afonso da Silva
- 06) Widjahure Afonso da Silva

F4

- 01) Luiz Viana
- 02) Maria Ceres Ferreira Viana
- 03) Glaucinéia Ferreira da Silva
- 04) Wasrêne Visctor Ferreira Viana

F5

- 01) José Augusto de Souza
- 02) Alzira Aragão da Silva
- 03) Kátia Silva Souza
- 04) Leidiane Silva Souza
- 05) Elizeu Silva Souza
- 06) Amaynara Silva Souza

F6

- 01) Domingos Ferreira da Silva
- 02) Eunice Souza Silva
- 03) Leandro Ferreira da Silva
- 04) Layza Ferreira da Silva
- 05) Akwariná -mahã Ferreira da Silva
- 07) Rosilda Ferreira da Silva

F7

- 01) Manoel Ferreira da Silva
- 02) Maria Borges da Silva

F8

- 01) Estêvão Luiz Viana
- 02) Maria de Lourdes Borges
- 03) Kaywnara Borges Viana
- 04) Aminoaré Borges Viana

F9

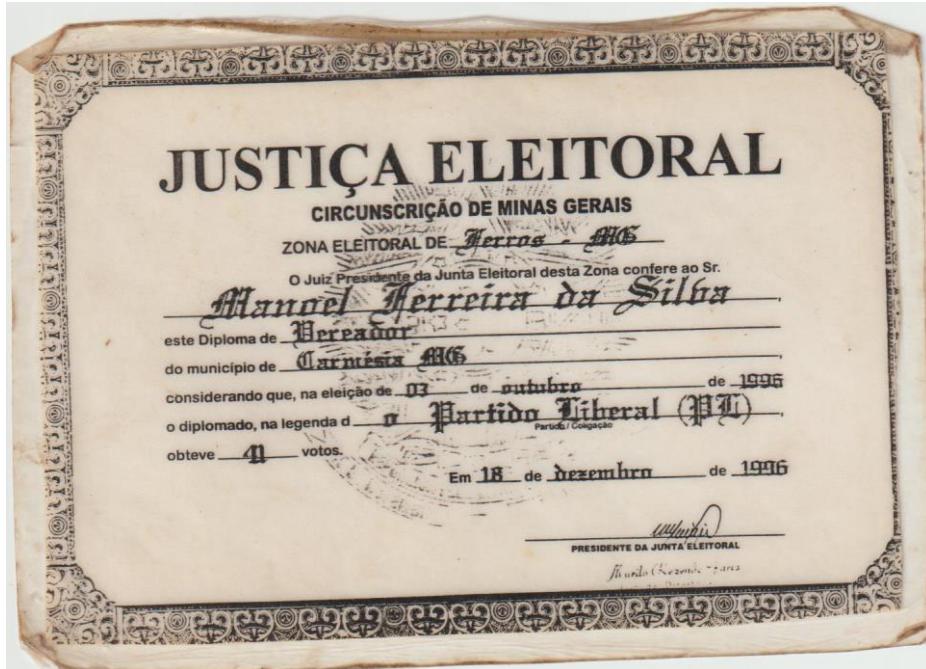
- 01) Manoel Vieira das Graças
- 02) Eva Dora Krenack
- 03) Yteká Vieira das Graças
- 04) Valéria Vieira das Graças
- 05) Indiara Vieira das Graças
- 06) Jaciara Vieira das Graças

Anotações das famílias que moravam na aldeia.



Foto de Txyndayba fazendo artesanto.





**JUSTIÇA ELEITORAL**

Justiça Eleitoral - FERROS - MG

Eleições 2004

Sistema de Prestação de Contas Eleitorais - Versão: 1.20

pág.: 1

02/11/2004

18.42.07

Recibo de Entrega da Prestação de Contas

Número do Protocolo: 2006/04

Eleições - 2004

Partido: PMDB Candidatura: Vereador

Município: CARMESIA

Número: 15555

Nome do Candidato: MANOEL FERREIRA DA SILVA

Data de Entrega: 02/11/2004 Número de Controle: 7655700685

Tipo da Entrega: Disquete

Retificadora: Não

Prestação de contas recebida pela base de dados da Justiça Eleitoral. Certificada a autenticidade do número de controle impresso nas peças apresentadas.

Observação:

Assinatura do Servidor

Assinatura do Responsável

Demonstrativo de Pagamento de Salário						
CAMARA MUNICIPAL DE CARMESIA		LOCAL : 90024-1-L.inexiste FEVEREIRO/2006 CNPJ .: 18.303.172/0001-08				
101-GABINETE SECRETARIA DA CAMARA		001-ACAO LEG. 00018-VEREADORES				
0080B// MANOEL FERREIRA DA SILVA		CBO	Emp.	Local	Depto	Sel.
CPF: 082.535.285-15 BCO: 237 C/C: 00540636-6		VEREADOR				
SITUACAO: AG.POLITICOS ADMISSAO: 01/01/1997		NIVEL/PADRAO: VER /				
Cod.	Descrição	Referência	Vencimentos	Descontos		
118 P	SUBSIDIO DE AGENTE POLITICO	180,00	840,00	72,66		
201 P	I.N.S.S.					
Total de Vencimentos 840,00 Total de Descontos 72,66						
Valor Líquido 767,34						
Salário Base 840,00	Sal. Contr. INSS 840,00	Beso. Calc. FGTS	F.G.T.S. do Mês	Base Calc. IRRF	Faxco IRRF	%
DECLARO TER RECEBIDO A IMPORTÂNCIA LIQUIDA DISCRIMINADA NESTE RECIBO						
02/03/06 + Manoel Ferreira Silva						

Carmésia,04 de Maio de 2006.

Senhor Presidente,

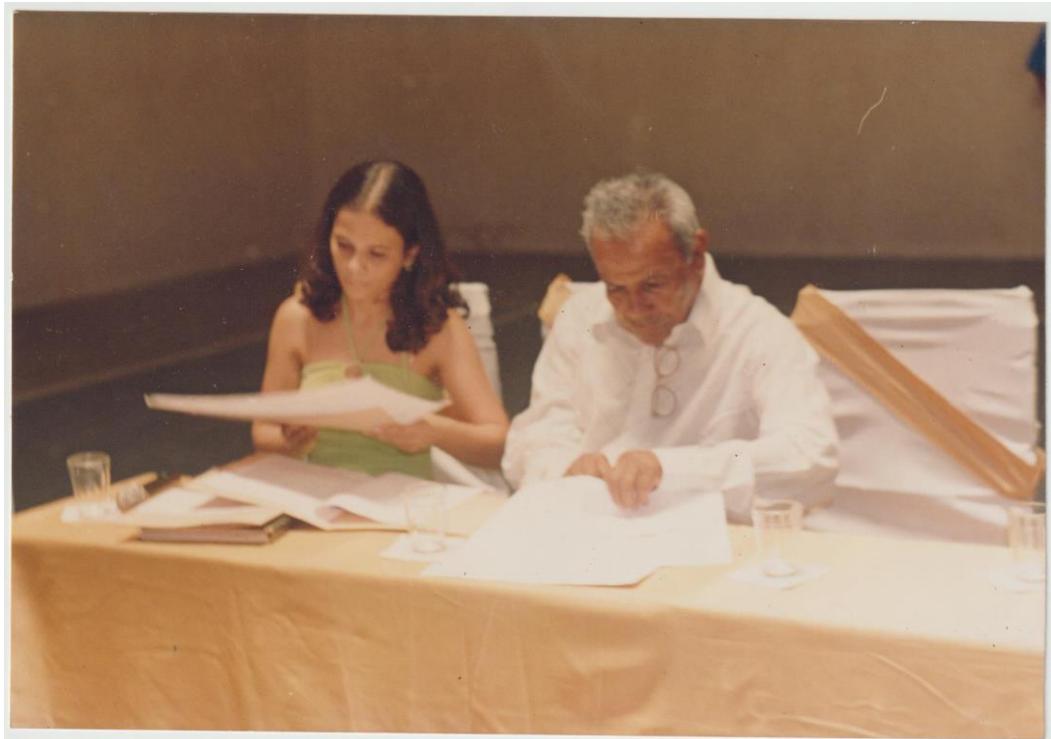
Cumprimentando-o,e em atenção ao ofício nº5535/2006 - SEC/1ª Câmara,relativo ao processo administrativo nº 706.154 referente ao confronto das divergências apuradas na data-base 31/12/03 com reincidências na data-base 31/12/04 da Câmara Municipal de Carmésia,CNPJ :18.303.172/0001-08 situada à Praça Nossa Senhora do Carmo,192 – Centro-desta cidade de Carmésia/MG,justifico-lhe que,não foi informado os dados relativos a "Outras Despesas de Pessoal" porque não ocorreram tais despesas nos referidos exercícios,conforme relatório,em anexo que comprova o alegado.

Sendo o que se apresenta no momento,solicito que esta justificativa supra seja encaminhada à Diretoria de Análise Formal de contas para reexame.
Atenciosamente,

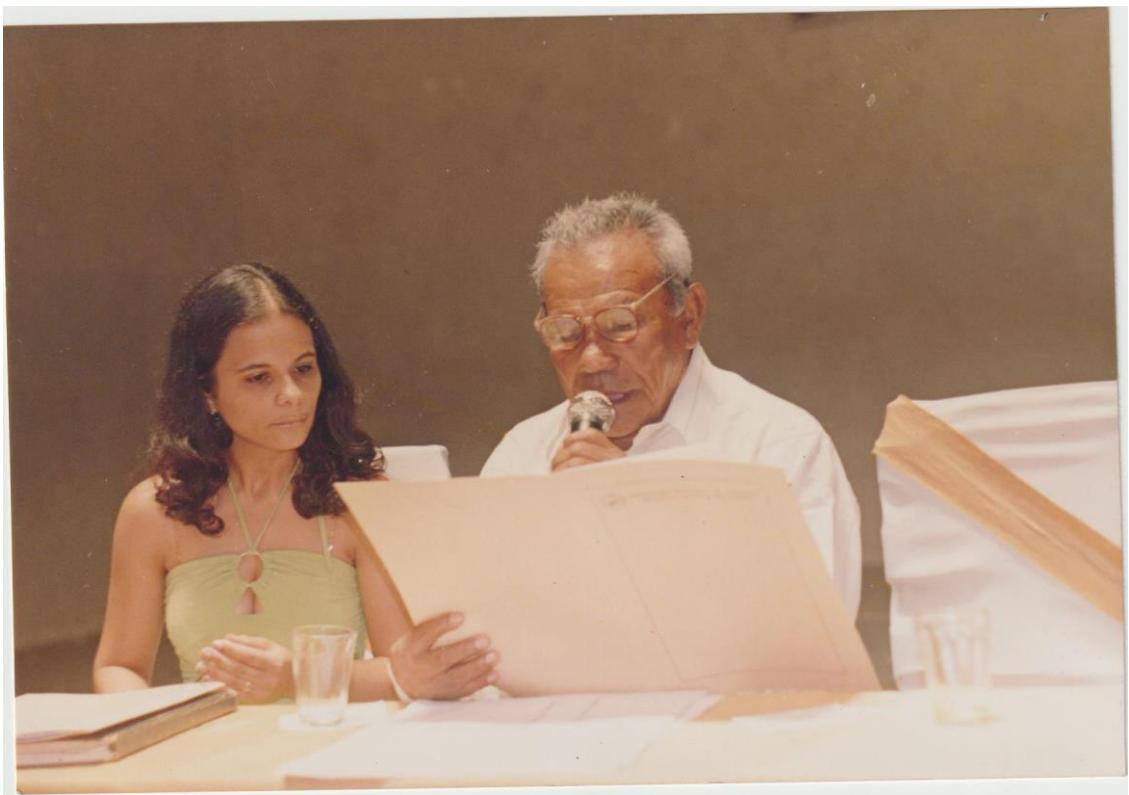
Manoel Ferreira da Silva

Manoel Ferreira da Silva
CPF:082.535.285-15
Carteira de Identidade:M-3.327.588
Presidente,à Época,da Câmara Municipal de Carmésia

Exmo Sr.Presidente Eduardo Carone Costa
Tribunal de Contas do Estado de Minas Gerais
Belo Horizonte – Minas Gerais



Posse do segundo mandato como vereador de Carmésia, em 1997.









Cont. memo A.I. Fazenda Guarani

Pg. 02

DESCRÍÇÃO DO PERÍMETRO

NORTE : Partindo do Marco 09 de coordenadas geográficas aproximadas 19 01'28,1" S e 43 09'05,9" Wgr., segue por uma vala até o Marco 10 de coordenadas geográficas aproximadas 19 01'00,3" S e 43 08'13,4" Wgr.; daí, pela referida vala com uma distância de 9.425,16 metros, até o Marco 01 de coordenadas geográficas aproximadas 19 01'46,9" S e 43 05'09,9" Wgr., localizado na margem direita de uma estrada que liga a cidade de Guanhães a Carmesia.

LESTE : Do marco, antes descrito, segue por uma linha reta com azimute e 0 distância de 190 01'57,9" e 712,99 metros, até o Marco 02 de 05'13,7" Wgr.; daí, segue por uma linha reta com azimute e 0 distância de 144 01'11,7" e 70,47 metros, até a Estaca 02 de coordenadas geográficas aproximadas 19 02'11,7" S e 43 05'12,4" Wgr.; daí, segue por uma linha reta com azimute e 0 distância de 172 01'08,7" e 27,14 metros, até a Estaca 03 de 05'12,3" Wgr.; daí, segue por uma linha reta com azimute e 0 distância de 207 01'13,5" e 1.313,72 metros, até o Marco 03 de coordenadas geográficas aproximadas 19 02'50,7" S e 43 05'32,4" Wgr.; daí, segue por uma linha reta com azimute e 0 distância de 210 13'39,1" e 1.776,23 metros, até o Marco 04 de coordenadas geográficas aproximadas 19 03'40,9" S e 43 06'02,5" Wgr.; daí, segue por uma linha reta com azimute e 0 distância de 119 48'44,0" e 519,95 metros, até o Marco 05 de coordenadas geográficas aproximadas 19 03'49,2" S e 43 05'46,9" Wgr.

SUL : Do marco antes descrito, segue por uma linha reta com azimute e 0 distância de 248 09'14,1" e 2.220,39 metros, até a Estaca 11 de 06'57,2" Wgr., localizado em um espinho de serra; daí, segue pelo referido espinho passando pelo Marco 06 de coordenadas geográficas aproximadas 19 03'57,6" S e 43 07'08,6" Wgr., com uma distância de 5.561,31 metros, até a Estaca 20 de 08'30,9" Wgr.



Fundação Nacional do Índio
MINISTÉRIO DO INTERIOR

Cont. memo A.I. Fazenda Guarani

Eq. 02

OESTE : Do ponto antes descrito, segue por uma vala passando pelos os Marcos 07 de coordenadas geográficas aproximadas 19 02'30,1" S e 43 08'31,0" War e Marco 08 de coordenadas geográficas aproximadas 19 02'31,5" S e 43 09'26,9" War., com uma distância de 5.089,00 metros, até o Marco 09, inicio da descrricção oeste.

Local
Brasília

Responsável Técnico

Adelino de Souza
Tec. Agrí. DDF/SUAF

Visto
Reinaldo Florindo
Chefe da DDF/SUAF

Eom - 19-04-07

Distribuidora Rurat e material da Construção LTD
Amigo: A nota fiscal teve um encargo no preço da
Ração, a razão foi para peixes de Cricimento Gostou
36 reais. Solicito ao amigo que não desfaça essa
nota e só fazer mais outra nota de outro saco da
mesma preço e bater o seu carimbo nas duas
matas arrumar. Pois o amigo sabe que os incidentes
dade só aceita mas com assinatura do proprietário.

Oem mais para o momento do amigo

Manoel F. da Silva





MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO
FUNAI

AUTORIZAÇÃO DE VIAGEM

CESAI - Centro Especial de Serviço de Assistência ao Índio.

Rua Apeninos, 912 - Paraíso - São Paulo/SP - CEP-04.104

Telefone: (011) 549.4886

Declaro para os devidos fins que o(s) índio(s)

Jesufo

Karuel

da Tribo Pataxó Estado São Paulo, é(são) tutelados
desta Fundação de acordo com a Lei 6001 de 19.12.73.

DADOS DO DESLOCAMENTO:

DATA: 10/11/90

PERÍODO: 2 dia(s) (dias/horas)

DESTINO: SP/Gonçalves (BA)

São Paulo, 10/11/90

D S
DALVA E SILVA
Chefe CESAI/SP

OBS: Qualquer caso de acidente e/ou outros, solicitamos às autoridades competentes comunicar imediatamente no endereço acima.

ADM. GOV. Valadare (033) 2711694

/ASM

MOD 130



Governo do Estado de Minas Gerais

Palácio da Liberdade

Ofício circular - 026/98

Ilmo(a). Sr(a). MANOEL FERREIRA DA SILVA
ASSOCIAÇÃO COMUNITÁRIA INDÍGENA PATAKÓ THYNDAYBA

Ref.: REPASSE DO ICMS DE JULHO DE 1998

Senhor(a) Presidente

Cordiais cumprimentos. Informamos abaixo os valores de ICMS repassados a seu município no mês de julho de 1998 e o acumulado no período de janeiro a julho de 1998, conforme a Lei 12.040/95 e suas modificações, as leis 12.428/96, 102.581/97 e a 12.734/97.

Como V.Sa. pôde acompanhar a transferência do ICMS-IPI/Exportação ao seu Município, atingiu em dezembro/97 o montante de R\$57.978,04, o maior do ano, porque, o quarto trimestre do ano constituiu-se num período de maior arrecadação do ICMS, particularmente, o mês de dezembro e, ao invés de quatro, houve cinco repasses neste mês, nas terças-feiras dos dias 2, 9, 16, 23 e 30.

Do total creditado em 30/12/97 de R\$19.789,36, somente R\$9.217,35 seriam distribuídos normalmente, resultando pois, que o seu Município obtivesse recursos adicionais de R\$10.572,01 em dezembro/97, relativo à antecipação de receita de janeiro/98.

Outro fator explicativo para a diminuição dos valores em janeiro, foi a retenção de 15,0% do ICMS e do IPI/Exportação, para o **Fundo de Desenvolvimento do Ensino Fundamental e Valorização do Magistério (FUNDEF), do Governo Federal**.

Cabe ao Banco do Brasil depositar os valores referentes ao Fundo de Educação, de acordo com o Índice de matrículas no ensino fundamental de seu município. Qualquer dúvida em relação ao Fundo entrar em contato com a Sra. Eliana Novaes, na Secretaria de Estado da Educação, pelo telefone (031) 219-4376.

Informamos que o seu município recebeu, no período, em função do FUNDEF, o valor de R\$109.512,93, conforme informação do Banco do Brasil.

Sendo o que se apresenta no momento, sirvo-me da oportunidade para manifestar sentimentos de estima e consideração.

Luiz Carlos Ferraz
Luiz Carlos Ferraz
Secretário Geral

Critérios	Dados Originais	Total repassado a todos os municípios	Repasso do município em julho/98			Acumulado do município de janeiro a julho/98		
			ICMS	IPI Exp.	%	ICMS + IPI Exp.	%	
Educação (Matrículas)	Municipais	638	2.220.522,43	15.834,79	47,50%	99.973,60	45,67%	
	Objetivo	576						
Saúde gastos por Habiente		100,55	1.110.260,69	3.202,10	9,61%	20.110,09	9,19%	
Programa Saúde da Família		1	1.110.260,56	1.545,85	56,26	10.883,35	4,97%	
Meio Ambiente	**	1.110.249,75	3.593,03	130,77	10,78%	29.313,76	13,39%	
Produção de Alimentos	**	832.696,33	554,24	20,17	1,66%	4.404,58	2,01%	
Pequeno Produtor Rural		218	277.565,48	109,44	3,98	0,33%	557,24	0,25%
Patrimônio Histórico e Cultural	**	1.110.264,09	0,00	0,00	0,00%	0,00	0,00%	
Receita Própria		4.884	2.220.517,90	157,99	5,75	0,47%	1.000,34	0,46%
Área (Km2)		259	1.110.262,06	473,52	17,23	1,42%	2.977,26	1,36%
População (habitantes)		2.188	3.008.809,19	380,98	13,87	1,14%	2.398,88	1,10%
50 melhores em População	-	2.220.523,95	0,00	0,00	0,00%	0,00	0,00%	
Cota Mínima	-	6.106.439,34	6.907,38	251,40	20,72%	43.655,70	19,94%	
Mineradores	-	122.128,71	0,00	0,00	0,00%	0,00	0,00%	
Mateus Leme/Mesquita	-	215.301,86	0,00	0,00	0,00%	0,00	0,00%	
VAF Adicional	-	4.980.720,98	32,43	1,18	0,10%	207,16	0,09%	
VAF Constitucional	-	83.269.597,61	542,16	19,73	1,63%	3.424,85	1,56%	
Total julho 1998		111.026.120,95	33.333,91	1.213,20	100,00%	218.906,81	100,00%	

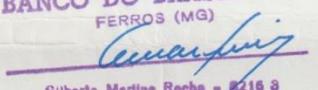
Obs.: (**) - índice formado por diversas variáveis



DECLARAÇÃO

Declaramos que a ASSOCIAÇÃO COMUNITÁRIA ÍNDIA
GENA PATAOXO THYUMDAYBA, possui conta corrente nesta agência cadastrada com o
número 9.263-0.

Ferros, 21 de Agosto de 1997.

BANCO DO BRASIL S. A.
FERROS (MG)

Gilberto Martins Recha - 8216 3
Gerente Geral

ATA DE REUNIÃO EXTRAORDINÁRIA DA ASSOCIAÇÃO COMUNITÁRIA INDÍGENA
PATAXÓ THYUMDAYBA - ACIP.

No dia 26 de dezembro de 1.997 às 16:30 hs, foi realizada uma reunião convocada pelo cacique Thyumdayba (Manoel Ferreira da Silva) Presidente da Associação Comunitária Indígena Pataxó Thyumdayba, com a finalidade de prestar esclarecimento sobre prestação de contas de compras de materiais para complementação da implantação de / piscicultura. Todos ouviram atentos às colocações, após esclarecimentos, foram apresentadas as notas fiscais de compras de nº 000547, 000548, 000556, 000064, 000095, 000096, 000609 e 580357. O cacique/ presidente da ACIP Manoel Ferreira da Silva incentivou ainda os / membros da comunidade em relação aos trabalhos e disse que a SETAS/ ou outras entidades prontificam-se em ajudar, mediante prestações de contas anteriores. O presidente deu a sua palavra final e o encerramento da reunião ocorreu às 18:30 hs.

Posto Indígena Guarany, 26 de dezembro de 1997

Manoel Ferreira da Silva

Manoel Ferreira da Silva - Presidente da ACIP

José Carlos Barros da Silva

José Carlos B. da Silva - Tesoureiro

Antônio Aragão da Silva

Antonio Aragão da Silva - Secretário

Mario Peres Ferreira Viana

Aldeízica Siba de Jesus

Eduardo Luij Viana

Morros Barros da Conceição

Edvaldo Barros da Silva

Wanderley Conceição da Silva

PIN GUARANY

12/02/93

RELATÓRIO DA 1ª REUNIÃO DA DIRETORIA DA ACIP

A diretoria da Associação Comunitária Indígena Pataxé Thyundayba - ACIP, foi convocada a se reunir dia 12 de Fevereiro de 1993, às 13 horas, pelo presidente da mesma, o cacique Maneel Tayundayba.

A reunião teve como objetivo o esclarecimento de alguns assuntos referentes aos trabalhos da Acip, bem como as viagens que o presidente vem fazendo afim de conseguir recursos para os trabalhos que a comunidade pretende fazer no decurso deste ano de 93.

O cacique Maneel Thyundayba, realizou várias viagens a capital de Belo Horizonte, a cidade de Guanhães e Ferros com a finalidade de legalizar a documentação da ACIP. Toda documentação já se encontra legalizada e em mãos do presidente: registros, CCCZ e outros.

O presidente da Associação foi a várias secretarias buscando orientações e fazendo prepesta de projetos para a comunidade. As dificuldades foram muitas: faltam recursos para viagens, alimentação, etc.

Foram repassadas informações importantes, como a existência de uma regional em Timóteo/MG, em caso de aquisição de projetos. Foi também prepesta a aquisição de sementes para plantio, cesta básica para os trabalhos das regas.

Foram levantadas prepestas para a questão de criação de peixes e ferramentas. Mas terá que precuarar outros setores.

Projetos já encaminhados:

- sementes de feijões
- cesta básica
- cebaderes
- material escolar

Projetos que ficaram para serem vistos:

- certe e cestura
- ferramenta
- criação de peixe



SERVIÇO PÚBLICO DO ESTADO DE MINAS GERAIS

Belo Horizonte

19/06/02

Lacique Manoel

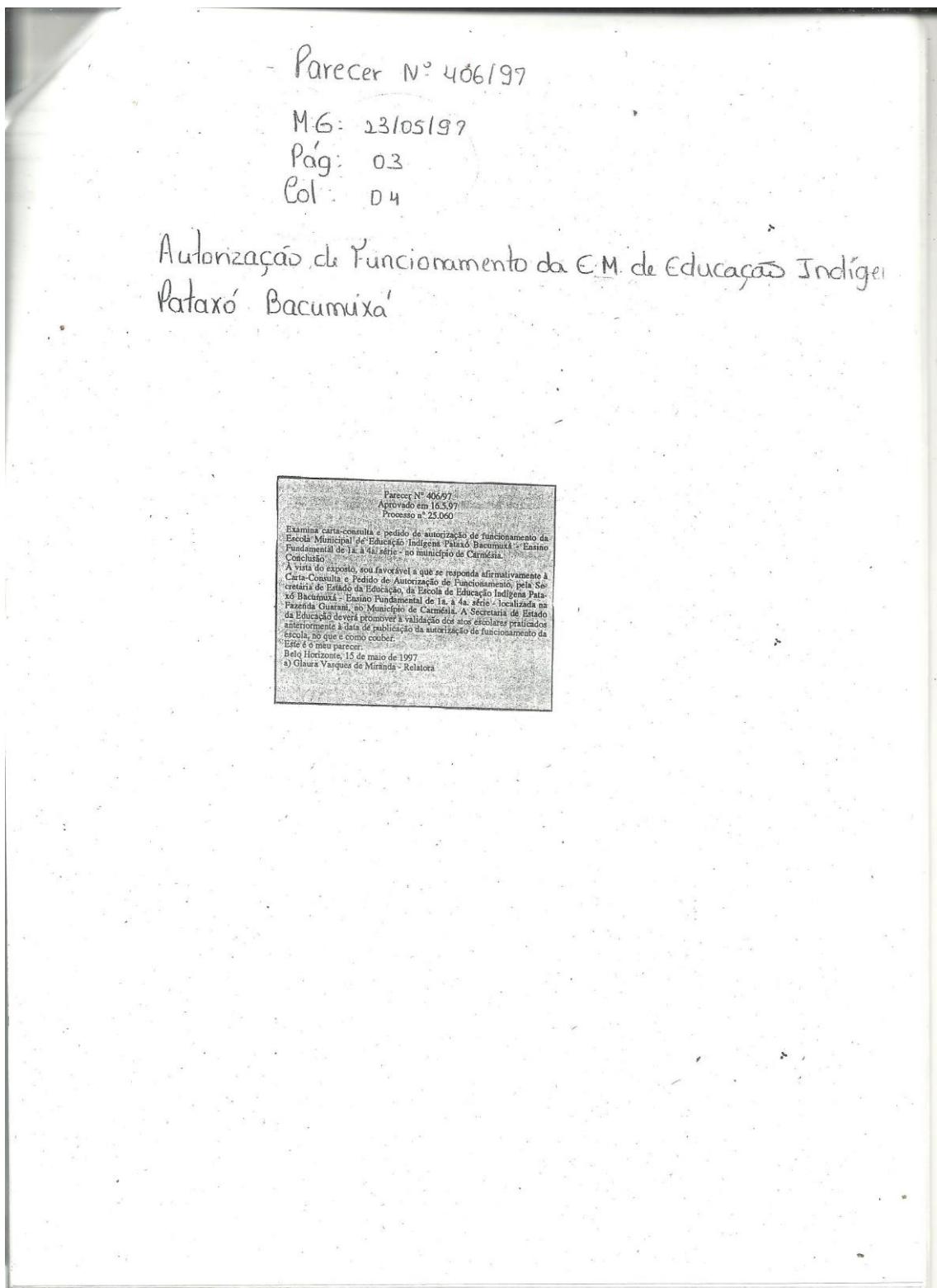
Nosso fraterno abraço. Agradeço por ter nos recebido tão bem nessa visita que fizemos juntos aos parentes.

Todos saíram admirados com o exemplo de dignidade da população indígena. Eu, que já acostumei sempre com todos vocês, sempre será um presente do céu, poder me beneficiar com o calor humano e a amizade d'que acaba sempre iluminando nosso caminho.

Agradecimento
Atenciosamente

Simone Faria de Abreu
Coordenadora Saúde Indígena
SES/ MG

Documentos e fotos da criação da escola Estadual Indígena Pataxó Bacumuxá:



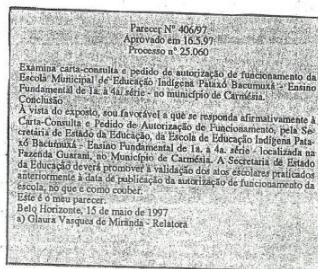
Parecer N° 406/97

M.G.: 23/05/97

Pág: 03

Col: D4

Autorização de Funcionamento da E.M. de Educação Indígena Pataxó Bacumuxá



Superintendência de Ensino da Educação
Superintendência de Organização do Atendimento Escolar
Diretoria de Atendimento Escolar

Diretoria de Atendimento Escolar

a: Diretoria de Desenvolvimento Curricular

unto: Processo de Criação e Autorização de Funcionamento
da Escola Municipal de Educação Indígena Pataxó
Bacumutá - Ensino Fundamental de 3^a à 4^a série, no
Município de Carmésia.

DIVIP
19.06.97

Portaria 963/97

M.G. 28-06-97

Portaria 964/97

M.G. 28-06-97

aminhamento: À Diretoria de Desenvolvimento Curricular, para
providências.

a: Belo Horizonte, 16 de junho de 1997

natura: Aldo Flávia & Dutra
aoc/Miss

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO DE MINAS GERAIS
SUPERINTENDÊNCIA DE ORGANIZAÇÃO DO ATENDIMENTO ESCOLAR
DIRETORIA DE ATENDIMENTO ESCOLAR

DE: DIRETORIA DE ATENDIMENTO ESCOLAR

PARA: 14º SRE - Guanhães

SIPRO - 03976512601996-4 / 03979612601996-7

ASSUNTO: Faz de voltaçās

PROCESSO

PARECER

EXPEDIENTE

de Carta - Consulta e Autorização de Funcionamento da
de (o) Escola Municipal de Educação Indígena Patravó - Ba-
cumuxá - Ensino Fundamental de 1ª à 4ª Serie.

Município: Carmesina

Aprovação : - Lei Estadual nº : , de 1/1
- Decreto Estadual nº : , de 1/1
- Parecer CEE nº : 406 , de 1/1
- Resolução SEE nº , de 1/1
- Portaria SEE nº 963/1964 , de 28/06/97

Encaminhamento :

À SRE para a(s) providência(s) abaixo assinaladas:

- Conhecer as condições sob as quais foi aprovada a medida;
- Prestar as devidas orientações, esclarecer e tomar as providências cabíveis;
- Validar e ou comvalidar os atos escolares, se for o caso;
- Arquivar o processo;
- Dar conhecimento aos interessados.

14º Superintendência Regional de Ensino
Guanhães
Recebido pelo Maio 08/07/97
Pecão

A DDAP
para ...
Em 08/07/97
Pecão

DATA: 01/07/97

ASSINATURA: Jadila J. L. Pinto

Portaria nº 1.168/97

Fica renovada em 1997 a autorização para instalação de turmas de Ens. Fundamental de 1º à 4ºs. os Es. Municipais
Escola Mun. Indígena Pataxó Bacumuxá

M.G. 31.07.97 Pág. 3 col. 01

PORTARIA Nº 1.168/97		
Nos termos das Resoluções SEP nº 7673, publicada aos 11 de abril de 1995 e 2975, publicada nos 25 de abril de 1997, do artigo 19 e seus §§ 1º e 3º da Resolução CEE nº 306, publicada aos 19 de janeiro de 1984, fica renovada, em 1997, a autorização para instalação de turmas de Ensino Fundamental de 1º à 4º série, vinculadas às Escolas Municipais abaixo relacionadas:		
1º SRE de Guanhezinho e Endereço das Turmas Vinculadas	Escola Núcleo	Nº de Turmas
CARMESIA	EM. Indígenas Pataxó Bacumuxá	01
Conego Besto	EM. Chapéu do Curo	01
FREI LAGONEGRO	EM. Pinto do Amaral	03
Fazenda Santo Antônio	EM. Santiago II	02
PAULISTAS	EM. Maria Amâlia Horta	02
Ribeirão Bernardo		
SÃO JOSÉ DE CACURI		
Pazenda César Carvalho		
SÃO PEDRO DO SUAÇU		
Córrego do Ouro		

PARECER Nº 3.109/98

Autorizações de funcionamento do Curso de Magistério
de Ensino Fundamental para Professores Indígenas

MG : 18.11.98

Pág 09 Ed: 01

PARECER Nº 1.109/98
Aprovado em 11.11.98
Processo nº 25.131

Examina pedido de autorização de funcionamento do Curso de Magistério do Ensino Fundamental para Professores Indígenas (Professor de 1a. a 4a. séries), em Minas Gerais.

Conclusão:

A vista do expositor, propomos que este Conselho se manifeste favoravelmente à autorização de funcionamento do Curso de Magistério do Ensino Fundamental para Professores Indígenas (Professor de 1a. a 4a. série), no Parque Estadual do Rio Doce, município de Marliéria, sob a coordenação da Secretaria de Estado da Educação, retroativamente a 01/01/98.

Sójam incorporados a este os anexos produzidos pela comissão Elaboradora, conforme recomendado no item 3.2 do Mérito deste Parecer.

Cabe à Secretaria de Estado da Educação expedir a documentação es-

colar pertinente ou, se for o caso, indicar instituição de sua rede para

tal.

É o parecer:
Belo Horizonte, 09 de novembro de 1998.
a) Dalva Cifuentes Gonçalves - Relatoria

PARECER Nº 1145/98
Aprovado em 12.11.98
Processo nº 26.776

Examina pedido de criação da Escola Estadual Indígena Pataxó Bacumuxá.

Conclusão:

A vista das informações, opinamos pela republicação do Parecer para que se considere a autorização de mudança como pedido de criação da

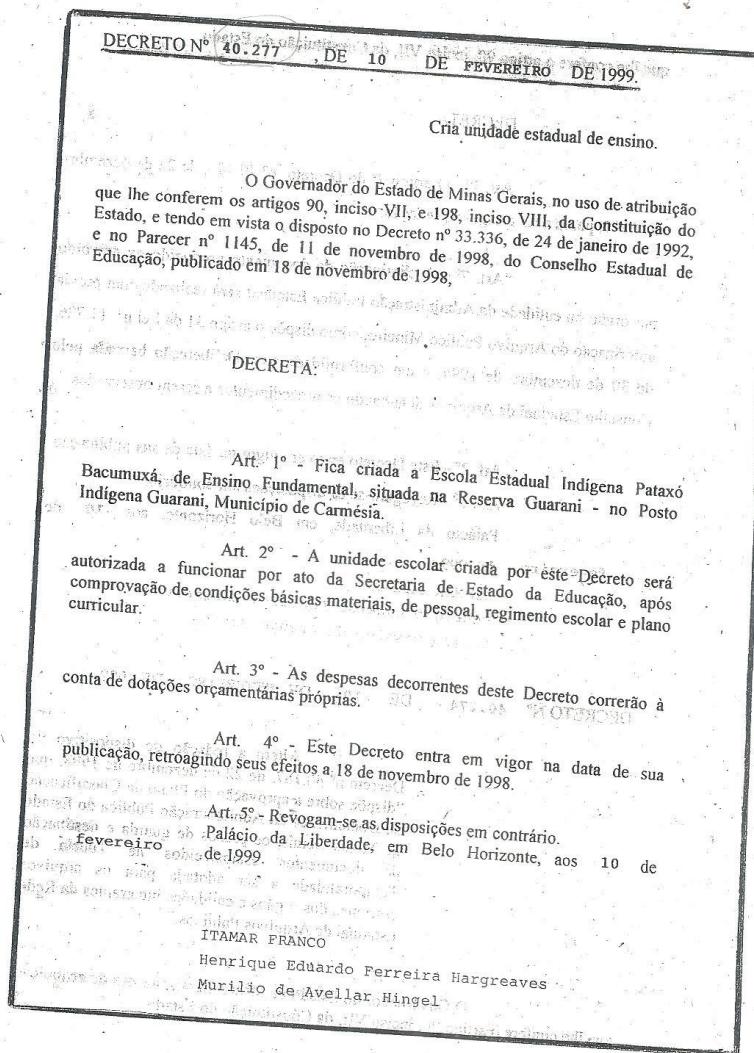
Escola Estadual Indígena Pataxó Bacumuxá.

Este é o meu parecer.

Belo Horizonte, 11 de novembro de 1998.

a) Olára Vasques de Miranda - Relatoria

Decreto nº 40.244 de 10.02.99
Fica criado a Escola Estadual Indígena Pataxo
Bacumuxá MG 11/02/99 Pág. 01 Col. 01





SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO DE MINAS GERAIS
SUPERINTENDÊNCIA EDUCACIONAL
14ª SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL DE ENSINO – GUANHÃES

CERTIFICADO DE REGISTRO

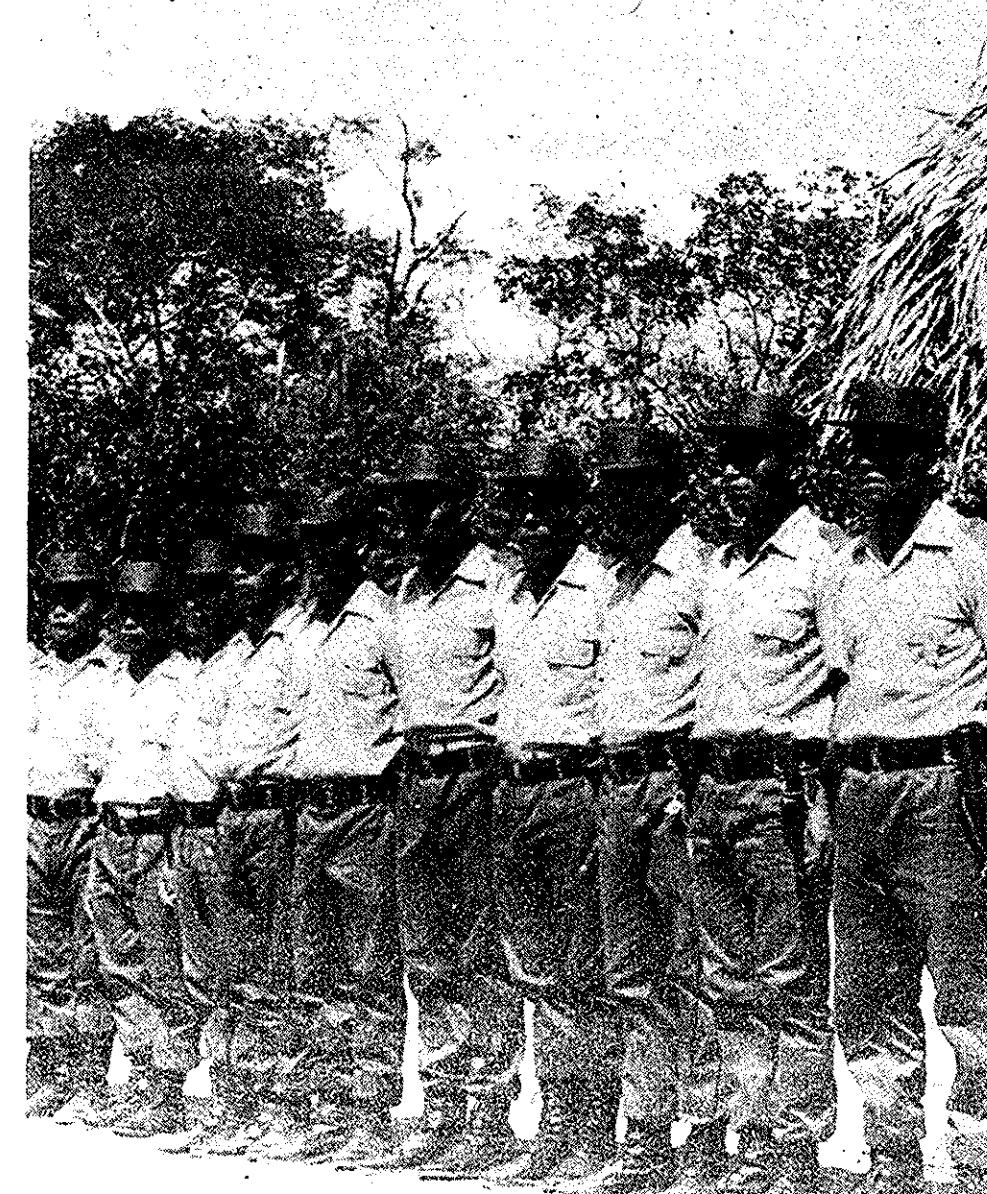
O DIRETOR DA 14ª SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL DE ENSINO DE GUANHÃES, conforme dispõe à Resolução SEE n.º 6900/91 de 24/10/1991, certifica que no livro de n.º 01 (um) às folhas 05 (cinco) sob o n.º 047 consta o registro do(a) Pré-Escolar da Escola Estadual Indígena Pataxó Bacumuxá do município de Carmésia.

Guanhães, 01 de fevereiro de 2000


Vilma Braga Pires
Diretor II da 14ª SRE - Guanhães

OPPRESSÃO

Fazenda Guarani: prisão disfarçada em projeto



A Fazenda Guarani, em Resplendor (MG), continua existindo como colônia penal disfarçada em área indígena, apesar do governo já ter declarado oficialmente extinto o Reformatório Agrícola Indígena que funcionava como "campo de concentração" para os povos que lá viviam.

Agora, a Funai está transferindo ou ameaçando de transferência os índios Pataxó, Hâ-hâ-hâ e Tupiniquim. Os que já estão lá, como os Pataxó, denunciam que vivem sob opressão e arbitrariedades cometidas pelo "órgão tutor", a pretexto de serem beneficiados por um dos mais contraditórios e ineficientes projetos agrícolas já planejados pelo governo em uma área indígena.

E até a Polícia Militar tem papel importante nesse esquema de repressão:

o destacamento de Carmésia recebeu autorização do delegado Carlos Grossi, da 11ª Delegacia Regional da Funai, para intervir na Fazenda Guarani sempre que algum índio beber ou reclamar das precárias condições de sobrevivência oferecidas pelo órgão na fazenda, segundo denúncia do índio Manoel dos Pataxó.

Essa grave denúncia se comprova com fatos: no mês de junho deste ano quatro policiais da PM de Carmésia espancaram o índio Herculano, dos Hâ-hâ-hâ, quebrando sua perna em dois lugares. O espancamento ocorreu dentro da fazenda Guarani e foi assistido passivamente pelo técnico agrícola do órgão na área. Depois, a socos e pontapés, Herculano foi levado para o posto médico da cidade, sua perna foi engessada às pressas, mas o osso não se recuperou satisfatoriamente, por causa da má qualidade do atendimento.

Os objetivos da fazenda

"A Funai aplicou muito dinheiro na área mas na terra só dá milho, feijão, e mandioca na beira dos córregos". A declaração é dos índios Pataxó, grupo que compõe o total de 300 índios que vivem na fazenda Guarani, juntamente com os Hâ-hâ-hâ e alguns Krenak. E são

ele mesmos que perguntam: para quê sustentar um projeto econômico em terras inférteis?

Antes mesmo da primeira colheita os índios já haviam contraído dívidas altíssimas na cantina da Funai, praticamente impossível de serem quitadas. A própria Funai prometeu, ainda, 2,5 milhões de cruzeiros a serem aplicados em projetos agrícolas no segundo semestre deste ano, certamente, para tentar provar à opinião pública que a Fazenda Guarani tem condições de assegurar a sobrevivência dos índios, justificando a continuidade da área.

Em 1979, o CIMI Leste e o Grequi (Grupo de Estudos da Questão Indígena) denunciaram pela imprensa que a Funai ainda mantinha os índios em regime de reclusão na fazenda Guarani. A Funai refutou as acusações, taxando-as de "falsas e absurdas". O antropólogo Rafael de Menezes Barros e o economista Marcos de Carvalho, ambos do DGPC, estiveram no local, então, para verificar a procedência das denúncias. Resultado:

em relatório enviado ao diretor do DGPC, os dois estudiosos afirmam, além de comprovarem a veracidade das acusações, que a Fazenda Guarani é "uma das áreas indígenas do País mais abaixo da crítica, nos pontos de vista indigenista, no particular, e humanista, no geral", condenando, assim, a manutenção da fazenda como área indígena.

A criação da Fazenda Guarani e a sua própria manutenção acabaram criando, entretanto, um problema que a simples extinção da área não poderá resolver. Segundo a Regional Leste do Cimi, os índios estão sabendo que há planos para extinguir a fazenda e não estão dispostos a aceitar isso já que seriam obrigados a retornar a suas áreas de origem, hoje diminuídas e pequenas demais para abrigar a todos. "As terras dos Hâ-hâ-hâ e dos Krenak estão invadidas e não demarcadas e as dos Pataxó na Bahia, apesar de demarcadas no ano passado, não têm condições de abrigar nem os que já estão dentro dela", explica o Cimi.

Um campo de concentração indígena

Trabalhar durante todo o dia na lavoura, vigiados por guardas da Polícia Militar de Minas Gerais e por índios da Guarda Rural Indígena às vezes acorrentados e sem comer, e à noite dormir trancados em minúsculas e sujas celas. Eram essas as penas aplicadas aos índios confinados ao Reformatório Agrícola Indígena, depois de sua criação, em janeiro de 1969, após a transformação do Posto Indígena Guido Marlière, ocupado pelos índios Krenak em área de reclusão.

Esse "campo de concentração" indígena chegou a abrigar cerca de 50 índios e afetou a vida dos Krenak, que não haviam sido consultados quanto à transformação de suas terras em reformatório. Com o tempo, eles passaram de donos legítimos das terras, por posse imemorial e por decreto estadual de 1920, à condição de confinados. Eram proibidos de sair das terras e por qualquer motivo sofriam agressões físicas e eram presos nas celas.

Ao mesmo tempo, a questão das terras se complicava sensivelmente. Dos 4 mil hectares que o decreto nº 5462 de 10/12/1920 estabelecia para o domínio dos Krenak somente 68 estavam sendo efetivamente ocupados pelos índios. O restante havia sido invadido por 50 grileiros diante da omissão do antigo SPI - Serviço de Proteção ao Índio. Depois de uma campanha desencadeada pelos posseiros junto ao governo, foi decretada a extinção da reserva indígena, culminando com a transferência dos Krenak e a titulação das glebas aos grileiros.

Inicialmente, segundo os planos da Funai, o

PI Guido Marlière seria transferido para uma área no Parque Florestal do Rio Doce, mas um acordo entre a Funai e o governo do Estado definiu a transferência para a fazenda Guarani, área que antes havia sido utilizada na plantação de café e, pelo uso excessivo dessa monocultura se tornado improdutiva, e para o treinamento anti-guerrilha da Polícia Militar de Minas. Entre dezembro de 72 e janeiro do ano seguinte, os índios foram levados para o novo PI de forma violenta. Alguns foram presos e algemados. Ao todo, foram 36 índios Krenak e 19 índios que ainda estavam na condição de "confinados" (o restante dos Krenak preferiu ser transferido para o PI Vanuire (SP) ou fugir para as cidades vizinhas).

E, na Fazenda Guarani, agrava-se o processo de descaracterização dos Krenak, que já estava em fase adiantada antes mesmo da transferência com a invasão dos grileiros. Para piorar a situação, a Funai transfere para lá mais 46 índios Guarani e 11 Tupiniquim, estes do Espírito Santo, que perderam suas terras para a multinacional Aracruz Celulose. Alguns anos mais tarde foram trazidos os Pataxó, cujas terras na Bahia haviam sido ocupadas pelo IBDF.

A convivência forçada entre os índios portadores de cultura totalmente diferentes entre si e na condição de exilados, provocou sérias perturbações na identidade étnica de cada povo. Os Guarani, por exemplo, um povo profundamente místico, abandonaram suas práticas religiosas enquanto permaneceram na Fazenda Guarani. Os Krenak passaram a se comunicar em português, apesar de ainda falarem sua língua.

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Carta de VitoriaClass.: 265Data: 29 de julho de 1984

Pg.: _____

Congresso indígena exige fim de lutas por posse de terras

Belo Horizonte — Representantes das nações indígenas Pataxó, Maxacali, Xacriarbá e Crenaque, integradas por cerca de 4 mil índios, apresentaram ontem, no encerramento do I Congresso Indígena de Minas Gerais, um documento no qual pedem, aos governos federal e estadual, desde a solução pura os tradicionais conflitos com grileiros pela posse da terra, até o uso da força política, pela Funai, para impedir a venda de cachaça na reserva dos Xacriabás, por comerciantes do Norte de Minas.

Os pataxós pediram o reconhecimento da "Fazenda Guarani", de 6 mil hectares, no Município de Carmesia, onde vivem desde o início dos anos 70, como área de ocupação permanente e definitiva além da garantia de fornecimento gratuito de energia elétrica no local, pela Cemig. Para os maxacalis, do Vale do Mucuri, o mais importante é a unificação imediata das áreas de "água boa" e "Pradinho", "ilegalmente separadas por fazendeiros responsáveis pela morte de inúmeros índios".

Reivindicam ainda "que a Funai extinga, na cantina existente na área indígena, o uso indesejável e prejudicial do "dinheiro branco". Os xacriabás, habitantes do Norte de Minas, querem que, "em virtude da área apóssedada pelos índios estar demarcada há muito, ela seja homologada pelo presidente da República e registrada como patrimônio da União". Eles pedem também a introdução do ensino bilingüe na área e de assistência médica, além do fornecimento de água.

Os creniques, que ocupam hoje apenas 2 por cento de sua reserva original (doada, em 1920, pelo presidente Arthur Bernardes), no Vale do Rio Doce, querem "que o governo de Minas e a Funai agilizem o processo declaratório de nulidade de títulos de propriedade incidentes na área, emitidos ilegalmente pela Ruralminas, em 1972, devolvendo a terra a seus legítimos possuidores".

Templo da sabedoria

Índios Pataxó projetam escola para resgatar os costumes, a cultura e as tradições

TACYANA ARCE

Bacumuxá. Em Pataxó a palavra significa "árvore da sabedoria". Em Carmésia, a 220 quilômetros de Belo Horizonte, é o nome de uma escola indígena que o secretário de Estado da Educação, Murilo Hingel, inaugura hoje. Não é uma inauguração comum. Bacumuxá é mais do que um simples prédio escolar. Suas características especiais não se limitam a sua arquitetura peculiar, projetada pelos próprios índios. Os Pataxó pretendem transformar Bacumuxá num verdadeiro centro de reconstrução da cultura, religião e costumes do seu povo, perdidos nos 500 anos da história do Brasil.

Na prática, a Escola Estadual Indígena Pataxó Bacumuxá já existe há alguns anos, funcionando em prédios improvisados. Assim como os Pataxó, os Krenak, Xakriabá e Maxakali, povos indígenas que vivem em Minas Gerais, também estão conquistando, aos poucos, o direito à educação diferenciada. O primeiro povo a conseguir um prédio escolar especialmente traçado para atender seus costumes foi o Maxakali. O projeto da escola para o povo Xakriabá já está quase pronto. Em seguida, será a vez do povo Krenak.

Os Pataxó não queriam esperar a burocracia estatal. A escola não estaria sendo inaugurada hoje se eles continuassem esperando a construção via orçamento do Estado. Dispostos a sair do prédio velho onde se amontoavam 6 professores e 107 alunos, convenceram a prefeitura de Carmésia, município sede da reserva indígena, a estabelecer um convênio com a Secretaria de Estado da Educa-



BRANDER GOMES/DIVULGAÇÃO

DESENHADO PELOS índios, o prédio foi construído através de uma parceria entre Estado e prefeitura de Carmésia

ção. Foi a prefeitura que se responsabilizou pela maior parte da construção da escola, inclusive a "tradução" do desenho do formato da escola, feito pelos índios, para um projeto de engenharia.

Respeito

Os índios conseguiram, inclusive, o respeito às suas diferenças históricas. Em Carmésia, o povo Pataxó divide-se em duas aldeias, distantes a apenas um quilômetro uma da outra, mas com características próprias. Mesmo assim, apesar do número reduzido de alunos, prefeitura e Estado resolveram construir duas escolas. No prédio localizado na sede da Funai, o pátio central é circundado por seis

construções hexagonais, onde vão funcionar as salas de aula, sala de cultura e alojamentos. Na escola da aldeia do Retirinho, são oito construções hexagonais. Uma delas vai abrigar a biblioteca.

O toque final dos prédios ficou por conta das mãos hábeis indígenas, que se destacam pela produção do artesanato. Nas paredes, os pataxó pintaram figuras que lembram seu passado. Originários do sul da Bahia, onde perderam espaço para as plantações de coqueiros e empreendimentos imobiliários, ainda sentem falta do mar. Não é à-toa que que em suas pinturas sempre há espaço para um grande espelho d'água, circundado por coqueiros, onde o sol inclemente deixa sua marca.

Lua cheia abençoará ritual de inauguração

Apesar de não ser lua nova, como rezam as tradições Pataxó, na aldeia do Retirinho a inauguração da escola será acompanhada pelo canto da lua "para iluminar mais os nossos caminhos e mostrar à toda a sociedade o valor da escola indígena", explica Kanátyo Pataxó, um dos professores de Bacumuxá. Além disso, também vão realizar o ritual da alegria, "porque para a gente a escola é muito importante e motivo de muita satisfação. A escola é uma ponte, que liga nosso mundo ao mundo do homem branco", explica.

Em Bacumuxá, os indiozinhos vão aprender "em primeiro lugar a viver em comunidade. Vão aprender como tratar as florestas, onde extraír comida, como fazer remédio, como tratar os mais velhos e os demais membros da comunidade. Vão também aprender a língua. Na verdade, só umas frases. A gente não sabe mais falar a língua, mas estamos fazendo de tudo para lembrar. E a gente acha que na escola a gente vai conseguir", conta Kanátyo, entre triste e esperançosos.

Depois, os índios passam a aprender o conteúdo das escolas tradicionais. "A gente só é formado para ensinar até a 4ª série. Depois disso, nossas crianças têm que ir para a cidade. Então, elas precisam saber o Português, a Matemática, a História e a Geografia. Mas a gente explica isso do nosso jeito", conta.

Parto seguro

Em busca da melhoria do atendimento materno-infantil, a SMS definiu as maternidades qualificadas para atender as gestantes

■ As gestantes serão encaminhadas:

Parto de risco / risco habitual

- Maternidade Odete Valadares
- Hospital das Clínicas
- Santa Casa
- Hospital Odilon Behrens
- Júlia Kubitschek

Risco Habitual

- Hospital Evangélico
- Sofia Feldman
- Mater Clínica
- Felício Rocha
- Dom Bosco
- Santa Lúcia

■ Não receberão gestantes por enquanto:

- René Guimarães
- Frederico Ozanam
- Policlínica Renascença
- AMH

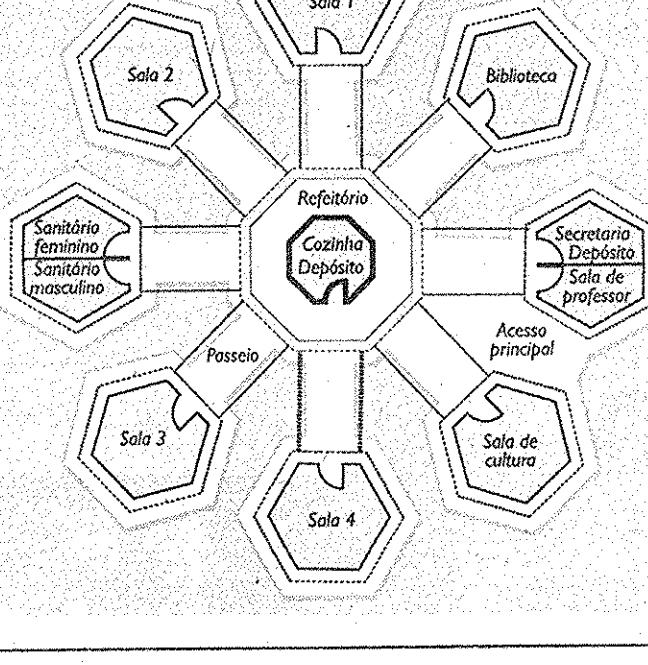
** Estão em processo de qualificação

Descredenciada

- Ernesto Gazzoli

Arquitetura de índio

Não basta ser escola, tem que fazer sentido na vida dos índios Pataxó. Por isso, a Escola Indígena Bacumuxá não se parece com os prédios escolares construídos nas cidades. Foi desenhada pelos próprios índios, que resolveram imitar os antepassados. Houve um tempo que os índios Pataxó levavam toda a família para as expedições de caça. Para dormir, construíam uma grande cabana circular onde colocavam mulheres e crianças. Ao redor desse grande círculo, construíam pequenas cabanas. Assim, protegiam sua prole. Mais do que prover o alimento da estação, as expedições de caça eram também momentos de aprendizagem, onde os mais velhos ensinavam às crianças os costumes, a cultura, religião. Foi por isso que os índios resolveram adotar a mesma arquitetura para a escola. Nela está depositada toda esperança de resgate da identidade Pataxó.



Termina a peregrinação das gestantes

FABIANA LEMOS

Evitar as constantes peregrinações em busca de maternidades e garantir às gestantes um parto seguro. Foi com esse objetivo que a Secretaria Municipal de Saúde (SMS) avaliou, durante todo o ano passado, a qualidade

do atendimento das diversas maternidades conveniadas ao SUS-BH. De 16 hospitais, cinco não atingiram qualificação exigida e, desde o ano passado, tentam se ajustar às normas (veja quadro).

Falta de equipamentos, inexistência de plantão pediátrico ou de enfermagem 24 horas, ta-

xas altas de mortalidade e assistência inadequada ao parto foram alguns dos problemas encontrados pela Comissão Perinatal e pela Coordenação de Atenção à Criança da SMS. Para reverter o triste diagnóstico, foi lançado ontem o Projeto Global de Melhoria da Qualidade da Assistência Perinatal em Belo Horizonte. O programa prevê atendimento orientado às gestantes que utilizam a rede SUS. Por mês, são realizados 2.400 partos na rede.

A capital mineira tem um alto índice de mortalidade neonatal (até os 28 dias de vida). Dados de 1997 indicam 17 óbitos por mil nascidos vivos. O número se torna assustador quando comparado ao índice de mortalidade infantil do Chile (entre bebês de até um ano de idade) que é de 11 óbitos por mil nascidos vivos.

Também é elevada. Em 1997, foram 79,7 óbitos por 100 mil nascidos vivos. A Organização Mundial de Saúde considera aceitável até 20 óbitos numa população de 100 mil.

"O fato é que grande parte das mortes é considerada evitável, quando são oferecidas condições adequadas de gestação além de um parto bem assistido", diz a pediatra e membro da Coorde-

nação de Atenção à Criança, Sônia Lansky.

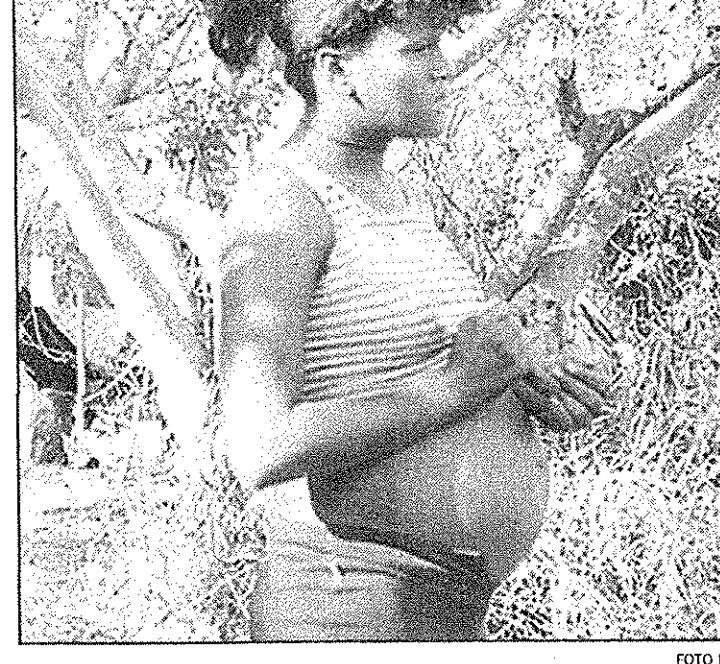
A partir deste ano, o atendimento materno-infantil nos centros de saúde também será avaliado.

A própria gestante deve verificar se está recebendo assistência de qualidade. Segundo Sônia Lansky, a gestante deve procurar o centro de saúde mais próximo de sua residência, onde receberá

o cartão de pré-natal, um documento que registra toda a gravidez. Além disso, a futura mãe ganha uma "polsa gestante" com folhetos de orientação e a lista dos exames a que tem direito.

No centro de saúde são feitos os primeiros testes e uma avaliação do grau de risco da gestação. "Se a paciente é considerada de alto risco, a equipe do centro de saúde aciona a Central de Marcação de Consultas, que irá agendar o pré-natal em uma das maternidades de referência para alto risco, onde a mulher será examinada e terá seu bebê", explica.

Os centros de saúde têm capacidade para realizar 70% dos exames de pré-natal. Quando a gestação evoluir sem complicações, a paciente é atendida no centro próximo à sua residência e sairá das consultas com a guia para internação numa das maternidades conveniadas ao SUS.



PACIENTES RECEBERÃO assistência até depois do parto

19 DE ABRIL

Índio não festeja a data: protesta



Maioria dos índios, sem terras, vendeu artesanatos para conseguir alimentar suas famílias

Dom Luciano: mensagem objetiva

Os representantes das nações indígenas reunidos em Belo Horizonte aproveitaram o Dia do Índio também para manifestar o seu carinho pelo arcebispo de Mariana e presidente da CNBB, dom Luciano Mendes de Almeida, que ainda se encontra no Palácio Cristo Rei, onde se recupera do acidente automobilístico que sofreu em fevereiro. Impossibilitado de receber os índios, dom Luciano enviou-lhes uma mensagem através do arcebispo metropolitano de Belo Horizonte, dom Serafim Fernandes de Araújo.

Na mensagem, dom Luciano assegurou aos índios "não só o interesse, mas da comunhão de esforços por parte da Igreja no Brasil, para a promoção dos direitos das nações indígenas". Como membro da Igreja, o arcebispo afirmou que gostaria, ao lado de todas as outras instituições ligadas à causa indígena, de contribuir para que, "neste momento da vida e da história do Brasil, nós tivéssemos o pleno reconhecimento desses direitos, que são o direito à vida, à terra, ao trabalho, à cultura e, enfim, a tudo o que significa a riqueza e a identidade de uma Nação Indígena".

No final do encontro, os índios entregaram a dom Serafim um co-car, um arco e uma machadinho, que doaram a dom Luciano com o pedido de que ele não se esqueça deles.

As preocupações manifestadas por dom Luciano, podem ser resumidas em uma única reivindicação: o cumprimento do que está escrito na Constituição brasileira, considerada pelo Cimi satisfatória, quanto aos direitos indígenas.

Entretanto, o coordenador do Cimi em Minas observa que, dois meses após a posse do novo governo federal, a situação dos índios ainda permanece indefinida. "Ao mesmo tempo que o ecologista José Lutzemberger — pessoa compromissada com a causa indígena — assume a Secretaria do Meio Ambiente, a Funai continua sem presidente e com a possibilidade de vir a ser vinculada ao Ministério da Justiça. Se isso acontecer será o caos", afirma Luiz Lobo, lembrando que o atual ministro da pasta, Bernardo Cabral, foi um dos grandes defensores da Constituinte, dos interesses dos fazendeiros e dos mineradores, que são os que mais prejudicam os povos indígenas.

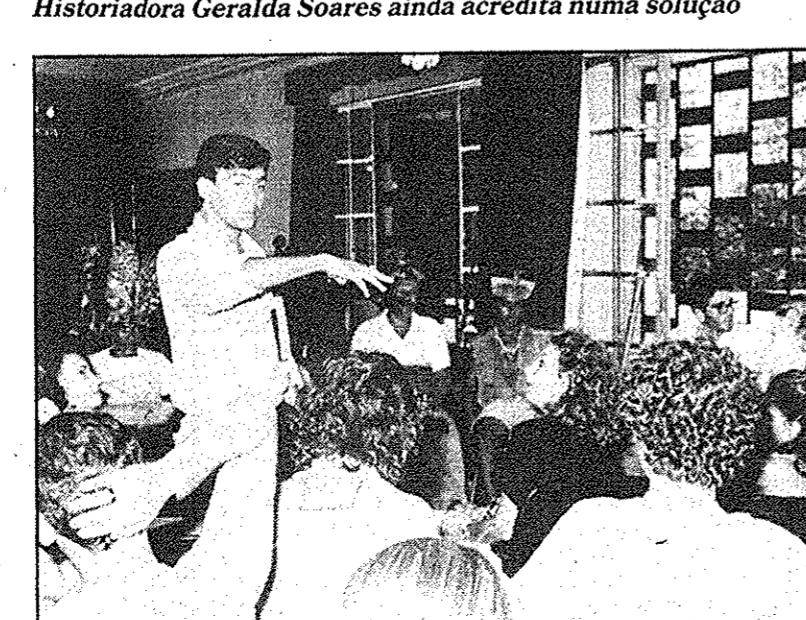
Embora dizendo-se apreensiva diante do futuro que aguarda os índios brasileiros, a historiadora Geralda Soares, do Centro de Documentação Helói Ferreira da Silva, que já viveu de perto os problemas e a luta das tribos para se manterem, prefere aproveitar o 19 de abril para renovar as suas esperanças na causa indígena. A historiadora que morou durante sete anos com os Maxakali e agora está preparando o lançamento de um livro sobre a história dos Krenak, afirma que esses últimos já foram até mesmo considerados extintos e ainda estão aí. "Isso nos faz pensar que a luta dos índios irá possibilitar que eles ainda existam daqui a vários anos. A resistência desses povos, aliás, é a esperança que motiva o meu trabalho", afirma.



Das tribos dos Krenak e Pataxó sobrevivem poucos indígenas



Historiadora Geralda Soares ainda acredita numa solução



Jornalistas, ecologistas e políticos defendem as raças

Mesmo assegurados seus direitos na Constituição de 1988, esses povos continuam marginalizados

Vânia Queiroz (texto)

Mary Lané (fotos)

Sem ter o que comemorar, os índios brasileiros aproveitaram o seu dia, 19 de abril, para denunciar e protestar, em vários estados, contra o descaso das autoridades em relação aos povos indígenas. É que, apesar de terem os direitos básicos assegurados pela Constituição de 1988, eles continuam ameaçados de desaparecer, em todo o país, por falta de ter-

ra, condições de trabalho e assistência à saúde. A situação torna-se ainda mais grave diante da omissão do atual governo — que havia prometido prioridade à questão indígena — que até agora ainda não tomou nenhuma medida concreta para garantir a cidadania aos índios e ninguém sabe dizer, ao certo, quais são os seus planos nesse sentido.

Conselho Indigenista Missionário (Cimi). Segundo ele, o que sucede com esses povos acontece, em menor escala, também aos outros povos indígenas do Brasil.

A denúncia de dom Krautler pode ser largamente compovada em Belo Horizonte, durante a semana que antecedeu o Dia do Índio. Representantes das tribos Krenak e Pataxó aproveitaram a data para reunirem-se com artistas, entidades ecológicas e partidos políticos para solicitar o seu apoio para a criação de um núcleo do Movimento de Ação pela Cidadania em Minas Gerais.

Esse núcleo, cuja atuação se iria especificamente junto às quatro nações que habitam o território mineiro, teria a finalidade de tentar resgatar a cidadania dos índios, a partir das denúncias dos abusos cometidos contra a sua cultura, organização, religião e do desenvolvimento de projetos de agricultura e produção rural, que permitem a auto-sustentação das nações.

De acordo com o coordenador do Cimi em Minas, Luiz Lobo, que acompanhou os índios em suas reuniões em Belo Horizonte, a ideia foi bem aceita nos setores onde foi apresentada. Por isso, o objetivo agora é "fazer com que ela seja abraçada também por outros setores da sociedade, que precisam ser alertados para a causa indígena".

Para conseguir atingir esse propósito, uma nova reunião entre as entidades ecológicas, os partidos políticos, os artistas, o Cimi e os índios, juntamente com algum representante da Secretaria Nacional do Movimento de Ação pela Cidadania deverá acontecer, provavelmente em maio, quando será elaborado o primeiro projeto para atuação do núcleo no Estado, a partir da realidade dos índios daí.

Dos 250 mil índios que habitam o território brasileiro, 60% vivem atualmente na Amazônia, onde enfrentam problemas diversos, entre eles, doenças como sarampo, gripe, tuberculose e malária levadas pelos garimpeiros, principais invasores da região. O maior exemplo de destruição progressiva dos povos indígenas no Norte do Brasil, já bastante denunciado pela imprensa, é o que está acontecendo com os Yanomami.

O drama desse povo começou em 1970, com a construção da Rodovia Perimetral Norte (BR-210), que abriu caminho para o avanço das empreiteiras, dos peões e dos garimpeiros. A partir de então, os Yanomami passaram a ser submetidos a um violento processo de invasão de suas terras, de sua cultura, acompanhado pela devastação da natureza.

Apesar dos protestos nacionais e internacionais, o processo

Minas: de 100 nações só restam quatro

Minas Gerais — que já foi habitada por mais de cem povos indígenas — possui atualmente em seu território somente quatro nações: Krenak, Maxakali, Xakriabá e Pataxó, localizados respectivamente nos municípios de Resplendor, Bertópolis, Itacarambi e Carmésia. Assim como acontece hoje com os Yanomami, a ocupação de Minas pelas frentes extrativistas, mineradoras e agropecuária foi com tamanha violência que resultou no exterminio quase total dos povos indígenas, que hoje somam no Estado um total aproximado de apenas 5.300 índios.

A sobrevivência dos que restaram, porém, continua sendo difícil, devido à falta de terra para o cultivo, pela poluição dos rios, pela falta de assistência à saúde, perseguição de fazendeiros e o descaso das autoridades.

Krenak — Remanescentes dos antigos Botocudos, os 150 Krenak vivem em uma reserva doada em 1920 pelo governador Arthur Bernardes. Seus problemas começaram em 1958, quando foram obrigados a se transferir para a área dos Maxakali, expulsos pela expansão agropecuária e pela mineração. Voltaram três anos depois e, em 1972, foram novamente transferi-

Durante o encontro com as entidades ecológicas em Belo Horizonte, na véspera do Dia do Índio, o líder dos Krenak, Valdemar, 30 anos, conhecido na tribo como Txo-Txo, lembrou que os Krenak sobrevivem atualmente em uma área de 126 hectares, sendo a maioria morro, que, além de dificultar o plantio, impossibilita o acesso dos índios à caça e à pesca. Ressaltando que tem orgulho por ser índio, Valdemar afirmou que os "índios não têm nenhum motivo para comemorar o seu dia com alegria".

Já o índio Kanáti, dos Pataxó, revelou que quando os índios estão reunidos em sua nação, eles comemoram muito o seu dia. Embora saibam que o mais importante é aproveitar a data instituída pelo branco, para denunciar os abusos que so-

frem e reivindicar o cumprimento dos seus direitos.

Esse, alias, foi um dos motivos que justificou a vinda dos representantes indígenas a Belo Horizonte. Na ocasião eles aproveitaram para denunciar, principalmente, os abusos cometidos contra os Maxakali. Os representantes dessa nação foram impedidos de participar da reunião dos índios pela criação do Movimento de Ação pela Cidadania em Minas, porque os fazendeiros cercaram a estrada da saída da região. Além disso, a casa das duas religiões que viviam no local, há cerca de 8 anos, foi cercada por dois pistoleiros, sendo apedrejada durante a noite de 18 de abril. Para evitar maiores atritos, as religiosas resolveram deixar a região até que sejam tomadas providências para garantir a sua segurança no local.

Onde vivem os povos indígenas

Em Minas Gerais, a população indígena de menos de seis mil pessoas das quatro nações — Krenak, Pataxó, Maxakali e Xakriabá — vive às voltas com problemas de saúde, perseguições de fazendeiros e grileiros e o descaso das autoridades.

Krenak — Remanescentes dos antigos Botocudos, os 150 Krenak vivem em uma reserva doada em 1920 pelo governador Arthur Bernardes. Seus problemas começaram em 1958, quando foram obrigados a se transferir para a área dos Maxakali, expulsos pela expansão agropecuária e pela mineração. Voltaram três anos depois e, em 1972, foram novamente transferi-

dos, desta vez para a Fazenda Guarani, no Vale do Aço. Em maio de 1980, eles voltaram outra vez para Resplendor, onde lutam pela posse de seu território.

Maxakali — O território onde viviam, até o início do século XX, abrangia uma vasta região entre os Estados da Bahia, Espírito Santo e Minas Gerais. Hoje, os 600 índios Maxakali estão em uma reserva de 3.133 hectares no município de Bertópolis, no Vale do Mucuri, demarcada pelo governo federal em 1940 (Águia Boa) e em 1955 (Pradinho). Essas duas áreas são separadas por fazendas de criação de gado, cujos proprietários representam uma constante ameaça à

sua integridade.

Pataxó — Originários do Sul da Bahia, de onde foram expulsos na década de 50, os Pataxó se dispersaram e parte deles foi para a reserva de Carmésia, a Fazenda Guarani, no Vale do Aço, em 1972, depois de uma questão não resolvida com o IBDF.

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Dicionário do Comércio (M. A.) Class.: 264

Data: 28 de julho de 1984 Pg.: _____

1984 Índios entregam documento reivindicando seus direitos

Representantes das nações indígenas pataxó, maxacali, xakriabá e krenak, presentes ao I Encontro Indígena de Minas Gerais, que se encerrou ontem na Federação dos Trabalhadores da Agricultura do Estado (Fetaemg), entregaram um documento, contendo suas principais reivindicações, ao chefe de gabinete da Fundação Nacional do Índio (Funai), Marcos Terena, e ao secretário do Trabalho e Ação Social de Minas, Ronan Tito.

As nações indígenas esperam, segundo o documento, que suas reivindicações sejam atendidas pelos governos da União e do Estado de Minas Gerais, através da Funai, Secretaria do Trabalho e Ação Social, Fundação Rural Mineira (Ruralminas), Secretaria de Segurança Pública e Poder Judiciário.

A tribo pataxó deseja que a Funai reconheça a Fazenda Guarani, situada no município de Cermésia, como área de ocupação definitiva e permanente da comunidade indígena do grupo.

Pede também que seja efetivado pela Centrais Elétricas de Minas Gerais (Cemig) o pagamento de indenização na forma de um trator e de garantia de fornecimento gratuito de energia elétrica para a comunidade, pela servidão de passagem de rede elétrica que atravessará a área indígena. Além disso, os pataxós solicitam que a Funai elabore e apresente, após ouvir a comunidade, projetos de apoio econômico.

Entre as reivindicações dos maxacalis estão o levantamento etno-histórico da comunidade para comprovação dos limites da área de seu território e o levantamento topográfico da área que consideram sua, mas que está tomada por passeiros e grileiros. Os maxacalis, que residem no município de Santa Helena, no Vale do São Francisco, desejam que os estudos sejam feitos pela Ruralminas, Funai e Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra). Eles também reivindicam que a Secretaria de Segurança Pública do Estado apure o assassinato de índios na região.

Os xakriabás pedem que as suas terras no município de Itacambi, no Vale do São Francisco, sejam regularizadas pelo poder público. Além disso, solicitam que seja afastado o problema da falta d'água nas comunidades; que a Funai dê infra-estrutura para o desenvolvimento da produção agrícola; e que promova a assistência médica e educacional bilíngüe na área.

A "nulidade dos títulos de propriedades emitidos ilegalmente pela Ruralminas, viabilizando a entrega livre e desembaraçada das terras dos índios krenaks", que residem no município de Resplendor, no Vale do Rio Doce, é a principal reivindicação desta comunidade indígena. Os krenaks também pedem que a Funai forneça equipamentos e sementes para o desenvolvimento de suas atividades agrícolas. Eles desejam ainda que o órgão assuma seu dever de assistência de saúde e educação bilíngüe para toda a comunidade.

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Diário de Minas

Class.: 109

Data: 06/04/91

Pg.: _____

Índios Pataxós não podem ser esquecidos

Jota FLORES

Para atender a imposição de lei, o vereador Ronaldo Freitas (PFL), da cidade mineira de Carmésia, acaba de providenciar o novo registro dos Estatutos da Associação Ecológica de Defesa do Meio Ambiente Carmesiana (AEDAC), a fim de que possa prestar maiores serviços à proteção, preservação e sobrevivência naquela cidade do Sul mineiro, de toda a tribo de índios Pataxós, ocupantes de uma reserva de 1.100 hectares, onde se localiza a Aldeia Imbiruçu, na Fazenda Guarani.

Em entrevista ao DM, o vereador Ronaldo Freitas explicou que agora a Associação Ecológica de Defesa do Ambiente Carmesiana (AEDAC) está em melhores condições para reivindicar auxílio junto às autoridades federais, estaduais e do próprio município de Carmésia. Ele se interessa, com especial atenção, ao auxílio que a tribo Pataxós tem reclamado. A partir da atualização dos Estatutos da AEDAC a citada tribo, constituída de aproximadamente 200 famílias, poderá auferir do Poder Público proteção mais direta para a sua modesta subsistência, especialmente com relação ao recebimento de insumos para a sua principal atividade, que é a lavra.

O vereador Ronaldo Freitas

informou que os Pataxós de Carmésia são disciplinados, conservam a tradição de sua cultura e que evitam de toda a forma se contagiariam de degeneração em contato com a civilização. Explorou o edil que o Cacique Mongangá é severo. Ele preserva as tradições, inclusive da linguagem indígena, que usa o Tupi-Guarani para se entenderem.

Os índios Pataxós de Carmésia, explica o vereador Ronaldo, mostram-se preocupados com as crianças da tribo, fazendo-as estudar em escolas públicas próximas à reserva, por isso necessitam sempre de material escolar, livros, cadernos, lápis e outros objetos didáticos. A despeito de serem instruídas fora da tribo, as crianças participam das festas e rituais de sua vida, a fim de poderem manter o espírito de legitimidade, facilmente perdido quando os índios entram em contato com pessoas fora de seus costumes.

Os adultos da Tribo Pataxós vivem do trabalho intenso de plantação, sendo especialidade a cultura de mandioca, milho, feijão, leguminosas e árvores frutíferas. A colheita é feita e comercializada para a manutenção das famílias, que vivem ainda em estado miserável, sem a devida assistência que bem mereceriam, conforme acentua o vereador Ronaldo Freitas.

Através da AEDAC, diz o seu presidente e vereador, será possível pleitear ajuda maior, inclusive de verbas em dinheiro, para a compra de máquinas e ferramentas agrícolas e meios de aperfeiçoamento para tratar a terra.



Vereador Ronaldo luta firme a favor dos Pataxós (Carmésia)

A partir do momento em que a Associação Ecológica de Defesa do Meio Ambiente Carmesiana estiver devidamente documentada, serão requeridos todos os benefícios possíveis, inclusive de recebimento de cestas básicas, cobertores, colchões e de sementes e mudas para plantio, além de se poder requerer do Governo do Estado de Minas Gerais, através da Secretaria da Agricultura, a presença de técnicos agrícolas na Aldeia Imbiruçu para orientar os índios no trabalho de preparo da terra.

O vereador Ronaldo Freitas informou ao DM que dentro em breve voltará a Belo Horizonte, quando manterá contatos com o Gabinete do deputado estadual Geraldo da Costa Pereira, que prontamente se dispôs a participar do empenho no sentido de ajudar a tribo indígena dos Pataxós de Carmésia.

O deputado Geraldo da Costa Pereira, segundo apurou a reportagem, já se antecipou às providências da AEDAC, colocando toda sua assessoria à disposição da Entidade e dos índios. Manifestou, ainda, o parlamen-

tar que vai solicitar aos órgãos ligados ao setor agrícola do Estado de Minas Gerais ajuda imediata aos índios Pataxós de Carmésia. Para tanto, ofícios serão encaminhados a diversas repartições públicas, como a FUNAI, IEF, DNPM, COPAM, IBAMA, ANDA, Polícia Militar e Secretaria de Estado da Agricultura para reivindicar participação a favor das 200 famílias de índios, praticamente deixadas em abandono, passando dificuldades e sofrendo da indiferença da sociedade, na opinião do vereador Ronaldo Freitas.

Disse o vereador que está trabalhando no sentido de sensibilizar as autoridades com relação à preservação do Rio do Peixe, que não pode "morrer" por falta de socorro. E afirmou:

"Venho lutando há quatro anos pela preservação do Rio do Peixe e não me canso de pedir e de fazer público o meu protesto e de outros companheiros da Câmara Municipal de Carmésia, que reclamam providências para que o importante rio não sofra mais com a poluição e a degradação do meio ambiente."

REFERÊNCIAS

Santos, Iran Vieira dos. **José Sales: biografia de uma liderança Pataxó**. 2020. 63 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Formação Intercultural para Educadores Indígenas – Licenciatura em Línguas, Arte e Literatura) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020.

Terras Indígenas do Brasil, ISA (Instituto Socioambiental) 2022. Site ISA sobre terras indígenas. Disponível em: <<https://www.socioambiental.org>>. Acesso em: 25 set. 2022.

TSE, 2022. Site do Tribunal Superior Eleitoral. Disponível em: <<https://www.tse.jus.br/>>. Acesso em: 25 set. 2022.